

INSTITUTO NOVAS PROFISSÕES

CURSO SUPERIOR DE TURISMO

CADEIRA DE HISTORIA DA ARTE EM PORTUGAL

185.

REGIÃO

DE NISA

E DE

GAVIÃO

Trabalho realizado por:

CELESTE MARIA MARQUES PEREIRA

ANA CRISTINA ENCARNACÃO SANTOS

2º Ano DEF

1 de Junho de 1992

COTA 03 (F. local)

NÚCLEO GENERAL. F.L

REGISTO 384

BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE NISA

INSTITUTO NOVAS PROFISSÕES

CURSO SUPERIOR DE TURISMO

CADEIRA DE HISTORIA DA ARTE EM PORTUGAL

18V.

REGIÃO
DE NISA
E DE
GAVIÃO



Trabalho realizado por:

CELESTE MARIA MARQUES PEREIRA

ANA CRISTINA ENCARNACÃO SANTOS

2ºAno DEF

1 de Junho de 1992

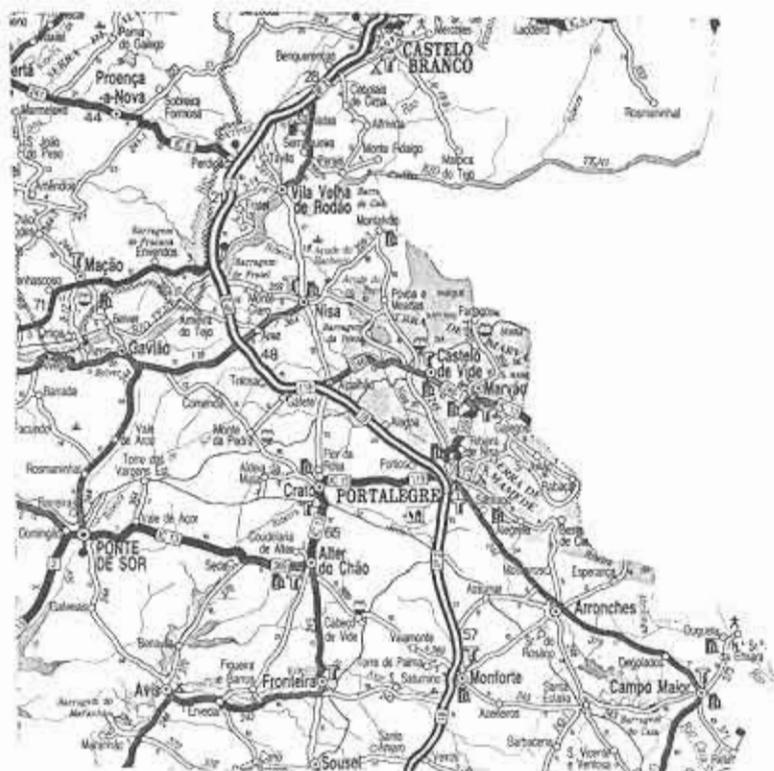
Foi-nos proposto imaginar um itinerário de fim-de-semana com visita por-menorizada à região, a um pequeno número de turistas (6) particularmente interes-sados em conhecer o património artístico e cultural do país.

Este trabalho é o resultado das nossas pesquisas nesta zona.

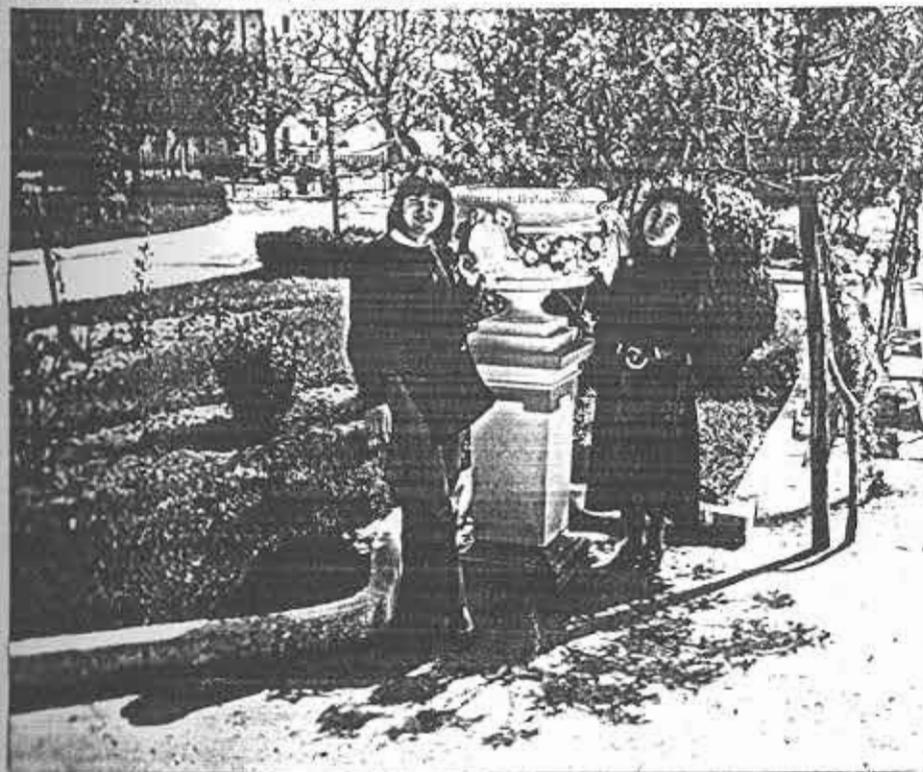
A nossa proposta é a seguinte:

- 1º DIA - Nisa (saída)
-Nisa-a-Velha
-Pé da Serra
-Montalvão
-Nisa (almoço)
-Alpalhão
-Fadagosa
-Tolosa
-Árez
-Nisa (dormida)

- 2º DIA - Nisa (saída)
-Vila Flor
-Amieira do Tejo
-Comenda (piquenique)
-Gavião
-Belver

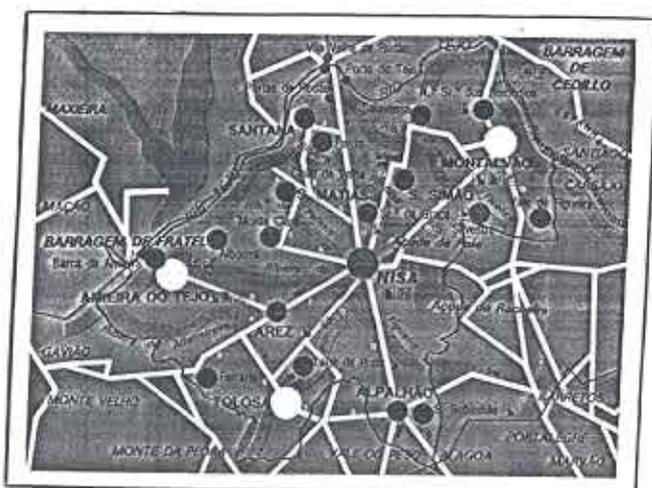


Aconselhamos que o meio de transporte a ser utilizado seja o "jeep" e a melhor época o mês de Maio.



AS AUTORAS

O CONCELHO DE NISA



PROVÍNCIA - Alto Alentejo

DISTRITO - Portalegre

DIOCESE - Portalegre e Castelo Branco

ÓRAGO - Nossa Senhora da Graça

ÁREA APROXIMADA - 600 km²

Nº DE HABITANTES - 12 000

FERIADO - Segunda-feira depois da Páscoa

Nº DE FREGUESIAS - 10

NOME DAS FREGUESIAS - Arez, Alpalhão, Amieira do Tejo, Nossa Senhora da Graça, Espírito Santo, Montalvão, Tolosa, S. Simão, S. Matias e Santana.



região de turismo de s. mamede
alto alentejo

portugal

VILA DE NISA



Nisa é Sede de Concelho e de Comarca. Situa-se a 34 km de Portalegre, entre as ribeiras do Figueiró e de Nisa a 15 km da margem esquerda do rio Tejo.

O Topónimo de Nisa tem várias interpretações, quase todas elas assegurando a sua origem nas mais remotas crenças religiosas. Possível é que tenha derivado do nome de uma Deusa grega.

A vila é de remota fundação, pois já existia como Concelho em 1232 no reinado de D. Sancho II. Sede dos Templários no Alentejo está rodeada por numerosos vestígios que atestam a sua antiguidade. Esta não é a Nisa primitiva dos Romanos, dos Suevos, dos Visigodos, dos Árabes, da Reconquista. Pois essa foi destruída no séc. XIV durante a disputa do trono entre D. Dinis e D. Afonso Sanches, seu irmão. Após ter vencido a luta, D. Dinis mandou erguer uma nova povoação numa região plana e fértil. Esta foi edificada no "Vale do Zambujal", perto do castelo dos Templários e junto à Torre de João Vaqueiro, uma das mais altas da região e que se supõe ser do tempo dos Romanos. O monarca determinou que a nova vila fosse cercada de muralhas com 6 torres e 3 portas: a de Montalvão, a da Vila e a de João de Évora. Todas as obras da fundação e defesa da Nova Nisa foram dirigidas por Frei Lourenço Martins, Mestre da Ordem dos Templários. A construção foi iniciada em 1290 e durou cerca de 6 anos. D. Dinis concedeu-lhe então o título de Vila com novas armas e foral. O seu desenvolvimento foi extraordinário e, em 1343 já tinha lagares de azeite, boas casas, quintais e vinhas como consta de algumas escrituras de compra encontradas na Torre do Tombo.

Em 1385 dois procuradores nisenses participaram nas Côrtes de Coimbra e votaram pela realza do Mestre de Avis, sendo então o povo de Nisa, um dos primeiros a apoiar o Mestre em 1383.

Os povos vizinhos chamaram-lhe a "Côrte das Areias" devido à sua posição geográfica, à fertilidade dos seus terrenos, ao seu desenvolvimento e à influên

cia que exercia sobre as populações à sua volta. Recebeu foral manuelino em 1512.

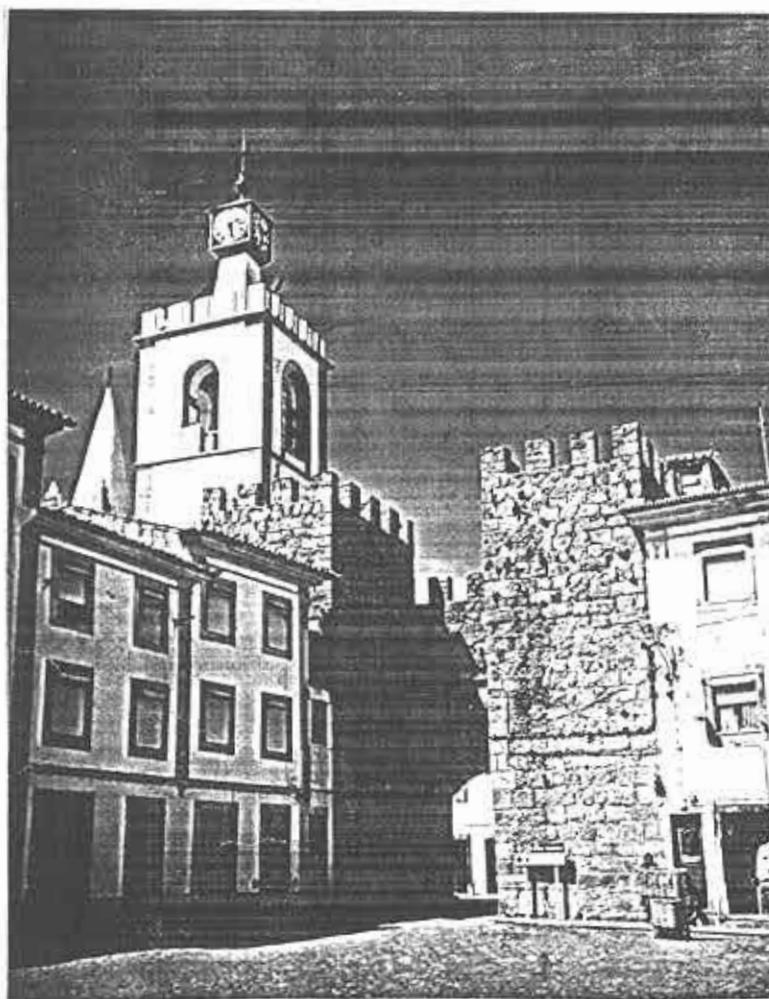
Filipe II condecorou a vila com o título de "Notável" pela sua antiguidade e pela virtude heróica, no amor dos seus reis e da sua Pátria.

Seguindo a sua marcha triunfal em 1646, D. João IV eleva-a à categoria de "Marquesado", conferindo o título de Marquês a D. Vasco Luís da Gama.

Aquando da Guerra da Sucessão de Espanha em 1704, um exército Franco-Espanhol deteve-se alguns dias em Nisa, o suficiente para lesar em muito as defesas e valores arquitectónicos da vila.

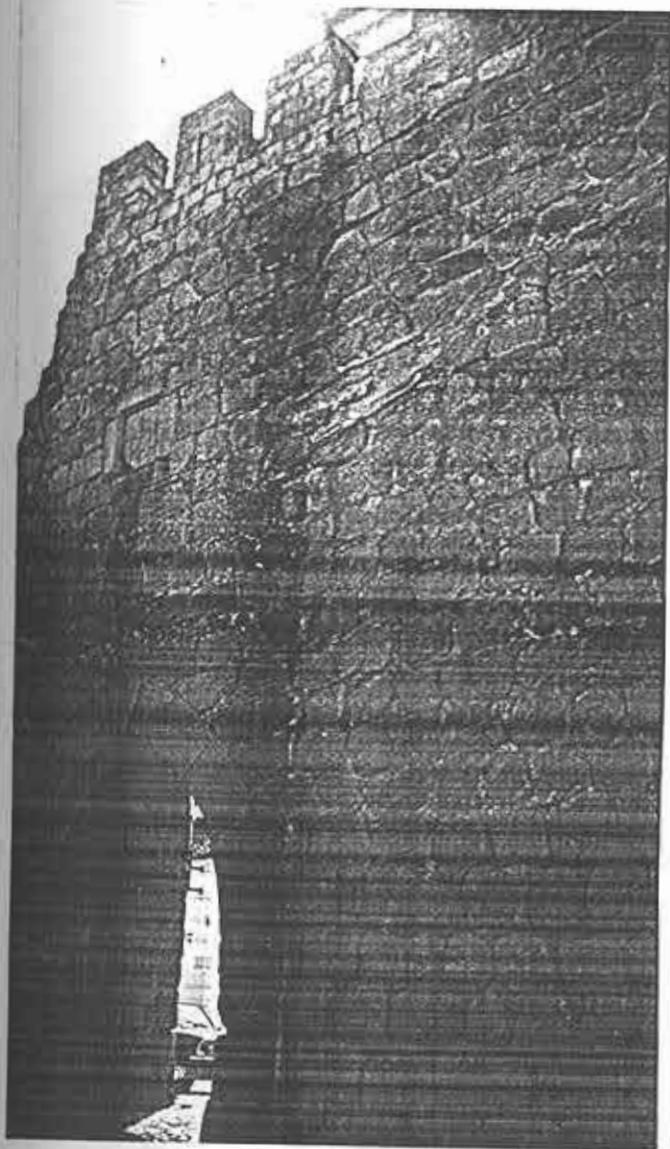
Em 1877 é Nisa capital de um Concelho composto pelos antigos de A rez, Montalvão, Alpalhão e Tolosa suprimidos por decreto real.

Nisa é uma das mais características vilas do Alto Alentejo. Devido ao progressivo desenvolvimento da vila, a cintura amuralhada não a conteve por muito tempo e o burgo foi saindo pela Porta da Vila...

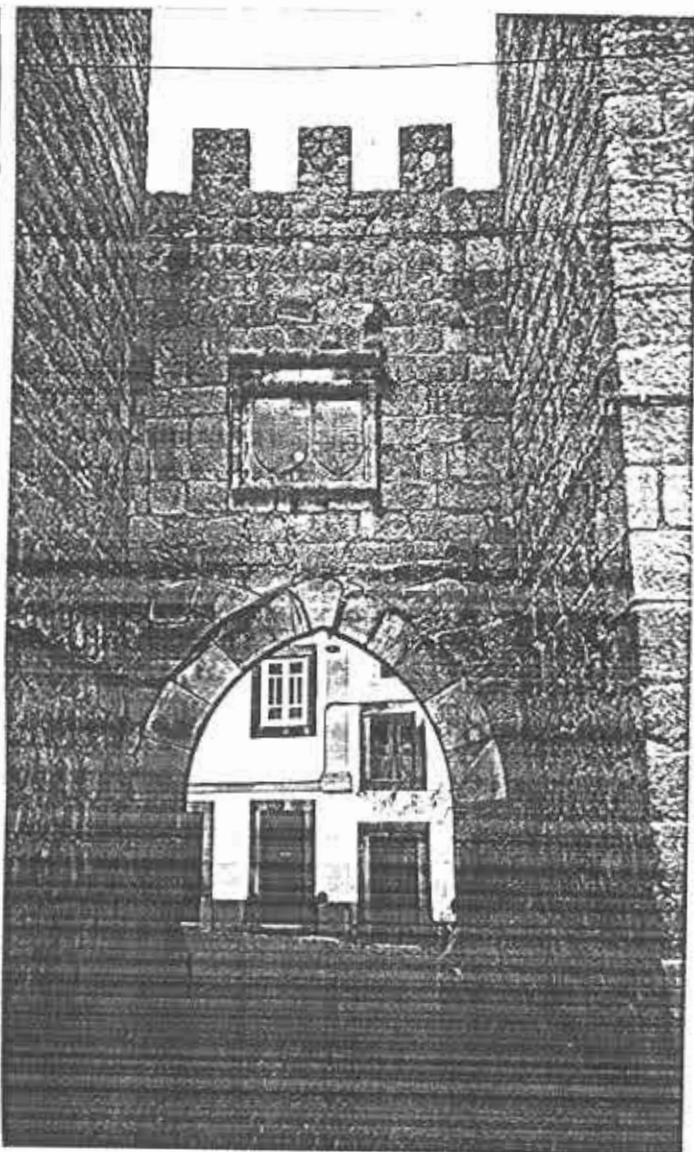


PORTA DA VILA

No resto de muralhas abrem-se dois arcos do séc. XIV - Porta de Montalvão, adossada a uma torre quase intacta e a Porta da Vila. Esta última brasonada com as armas nacionais ao lado das municipais. A Porta de arco ogival é defendida por dois torriões avançados, num dos quais se encontra uma característica torre de relógio.

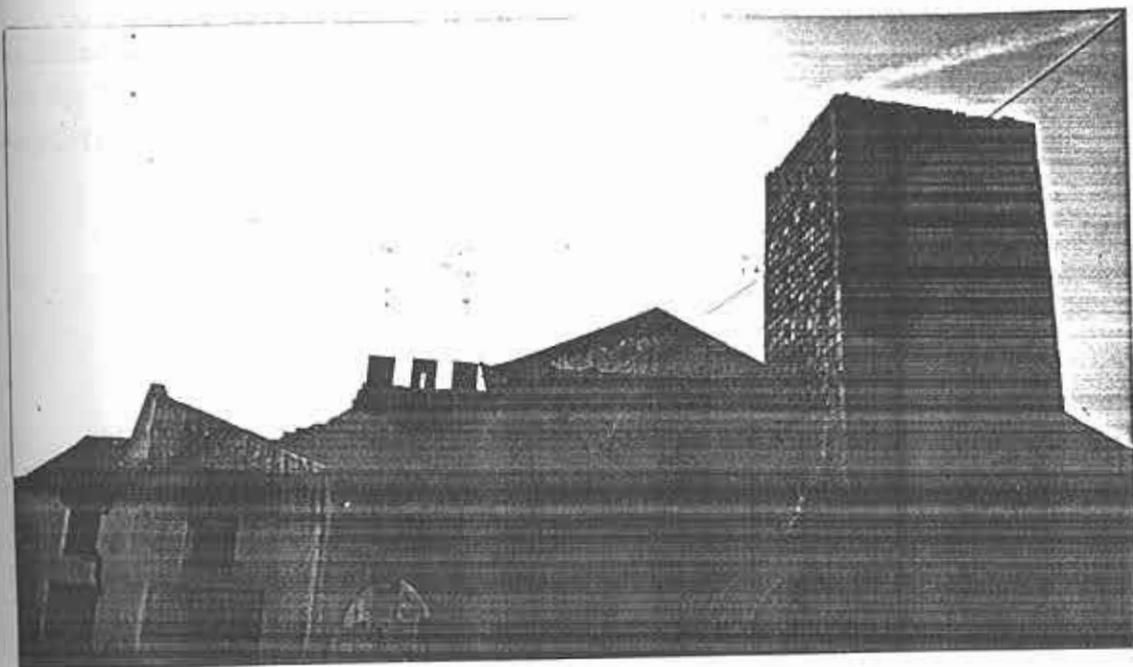


PORTA DE MONTALVÃO

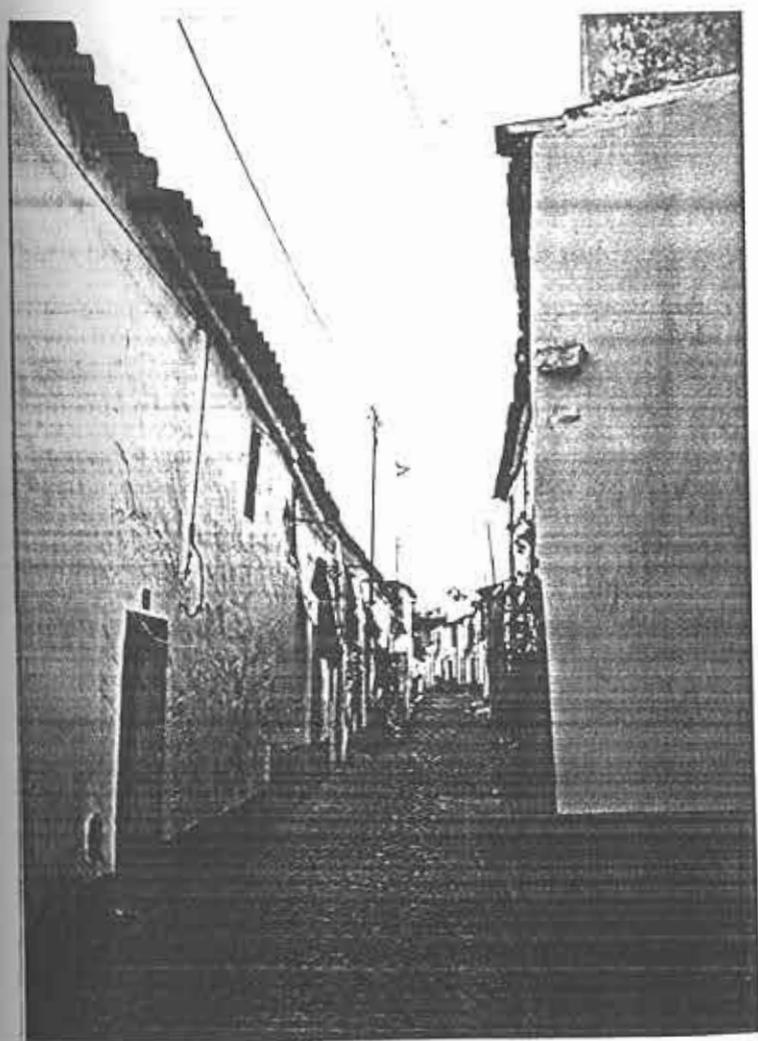


PORTA DA VILA

Para lá das Portas aninha-se a vila detraçado medieval, de típico casario de ruas estreitas e não direitas, floridas e cheirosas onde se pode encontrar ainda algumas portas medievais.

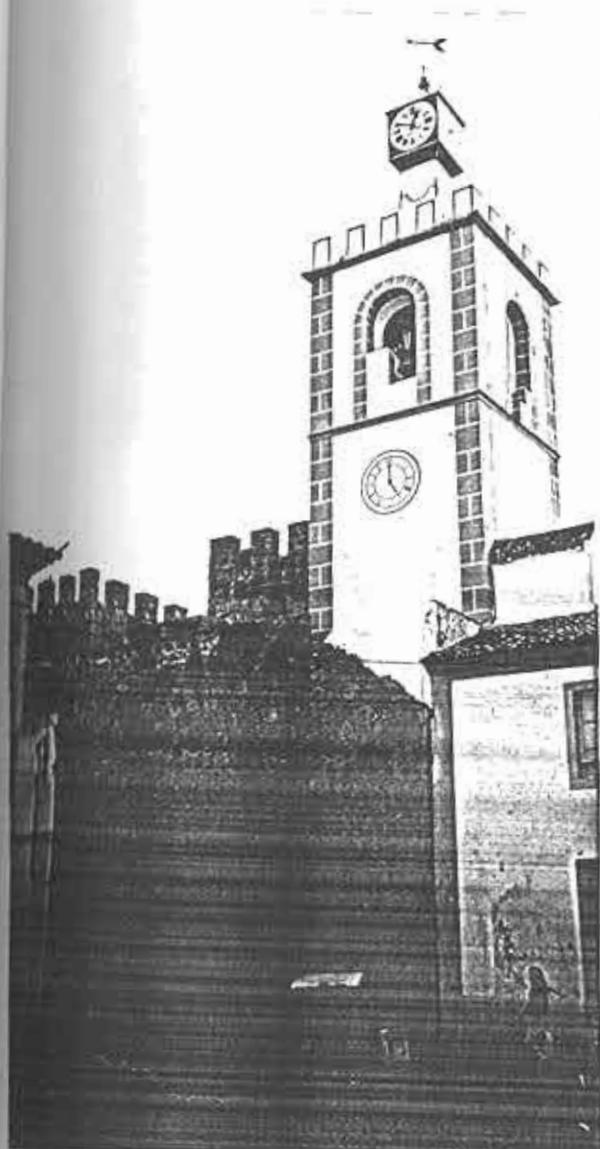


PORTA DE MONTALVAO

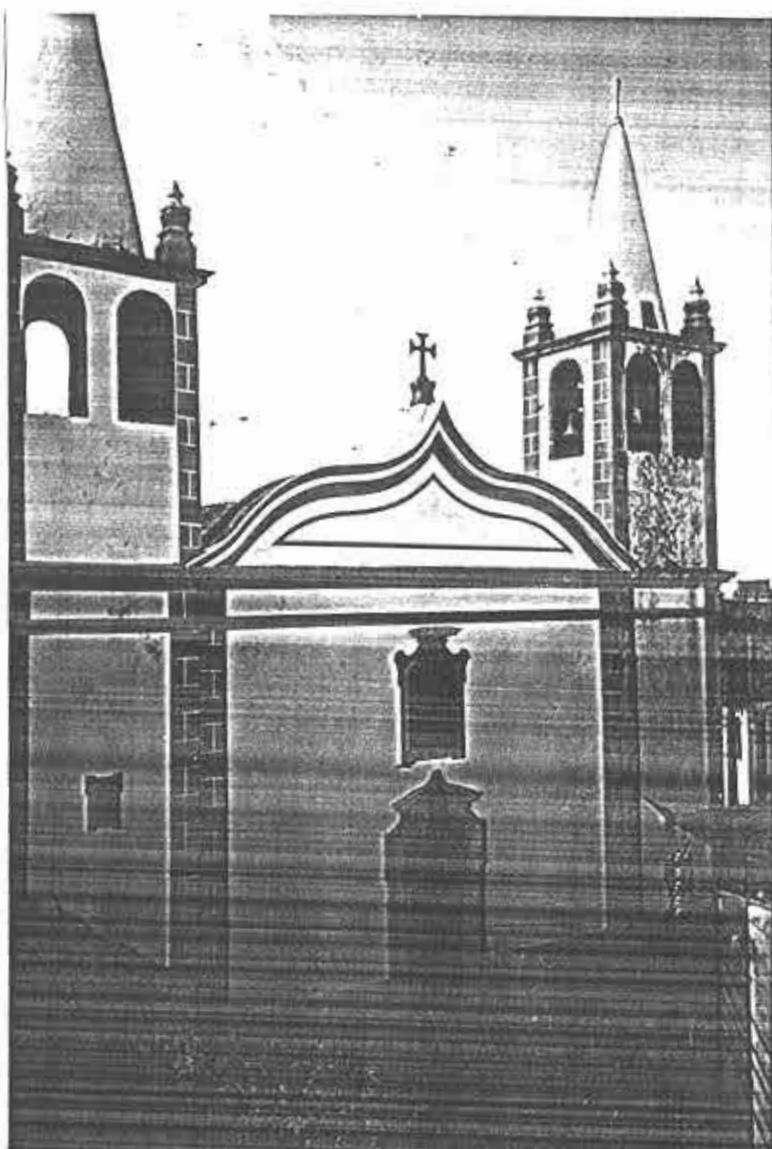


RUA TÍPICA

Ao transpôr a Porta da Vila depara-se com a grande e bela Igreja Matriz, do séc. XVIII. Construída no séc. XV e reedificada em 1770, possui vários altares de talha barroca. Na capela do Espírito Santo pode-se apreciar um retábulo maneirista dos fins do séc. XVI, com a representação da "Adoração dos Pastores".



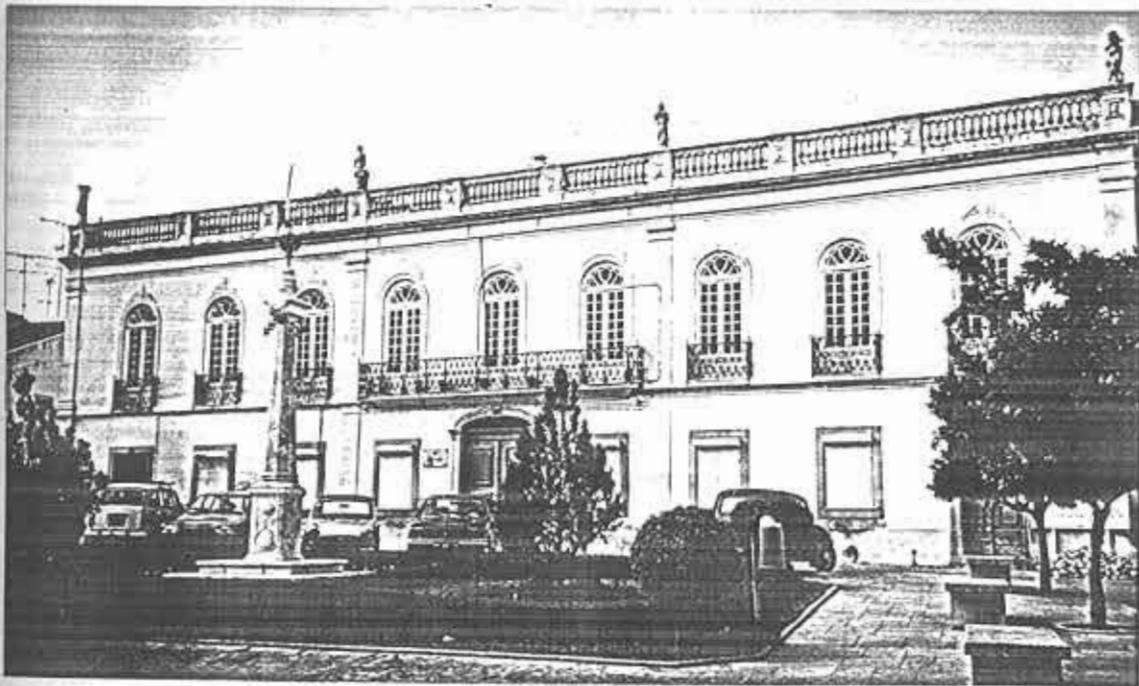
PORTA DA VILA



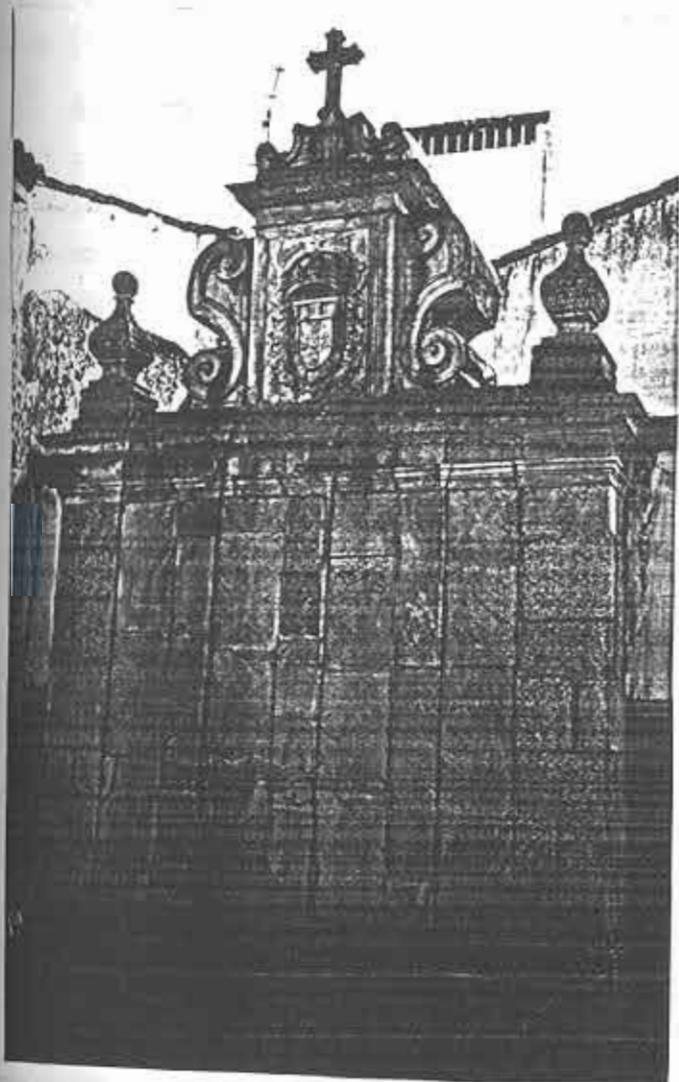
IGREJA MATRIZ

Na característica Praça da Câmara, goza-se de um discreto ambiente de edifícios bem proporcionados. Ao centro, o Pelourinho de mármore do séc. XVIII, padrão do poder municipal. No edifício oposto ao dos Paços do Concelho, encontra-se a Igreja da Misericórdia, do séc. XVI com um portal renascentista ladeado por duas pilastras caneladas. Ao alto, duas sineiras de granito do séc. XVIII.

Ainda nesta Praça, um belo chafariz barroco em mármore do séc. XVIII, ao qual se dá o nome de Fonte do Frade. Esta praça ajardinada, centro cívico de Nisa intramuros, é rodeada de brancas e largas chaminés alentejanas.



PRAÇA DO MUNICÍPIO



FONTE DO FRADE



IGREJA DA MISERICÓRDIA E PELOURINHO



LARGO ANTÓNIO GRAÇA VILA - BUSTO EM HOMENAGEM AO MÉDICO ILUSTRE DR. ANTÓNIO GRANJA (1897 - 1964)

Na Praça que antecede o burgo antigo, onde se abre a Porta da Vila, o carácter urbano é já outro, pois a ordenação dos espaços distingue-se pela sua horizontalidade e largueza. Encontram-se facilmente terreiros imensos de árvores alinhadas rodeadas de solares barrocos, sendo o clima de tranquilidade e ruralidade acentuado pela travessia de carros de burros e de tractores.



CASA APALAÇADA - PRAÇA DA REPÚBLICA

Logo após a Praça da República eleva-se a Capela do Calvário, do séc. XVIII, que pela sua forma original desfaz o alinhamento das casas. Esta é uma das várias igrejinhas de planta centralizada que caracterizam o barroco português. Cilíndrica e com cobertura piramidal é constituída por dois pequenos corpos em granito da zona. No exterior, um curioso pulpito colocado lateralmente com uma cuidada decoração e ao cimo um pequeno campanário. No interior três altares, paredes revestidas de painéis de azulejos azuis e brancos e uma curiosa porta fingida de azulejos. É uma das igrejas mais típicas e apreciadas da região.



CAPELA DO CALVARIO

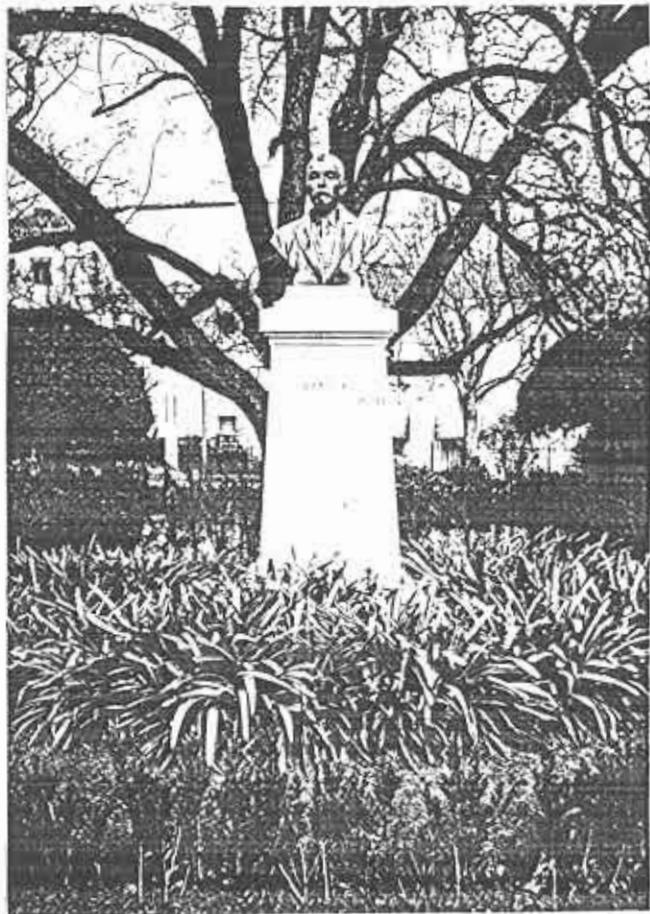


Um pouco mais à frente fica a Igreja do Espírito Santo, do séc. XVI, fundada em 1567 e que pertenceu ao Padroado da Ordem de Cristo. Foi transformada no séc. XVIII e modificada em 1826. Conserva ainda um pórtico renascentista em granito. O interior é de uma só nave com abóboda de berço.

IGREJA DO ESPÍRITO SANTO



JARDIM MUNICIPAL



JARDIM MUNICIPAL - BUSTO EM HOMENAGEM
AO MÉDICO MUNICIPAL DR. FRANCISCO DA
GRAÇA NIGUENS (1854 / 1933)

A moderna Praça da República é dominada pelo Jardim Municipal de carácter harmonioso. No seu amplo terreiro, um interessante Chafariz que data já do nosso século.

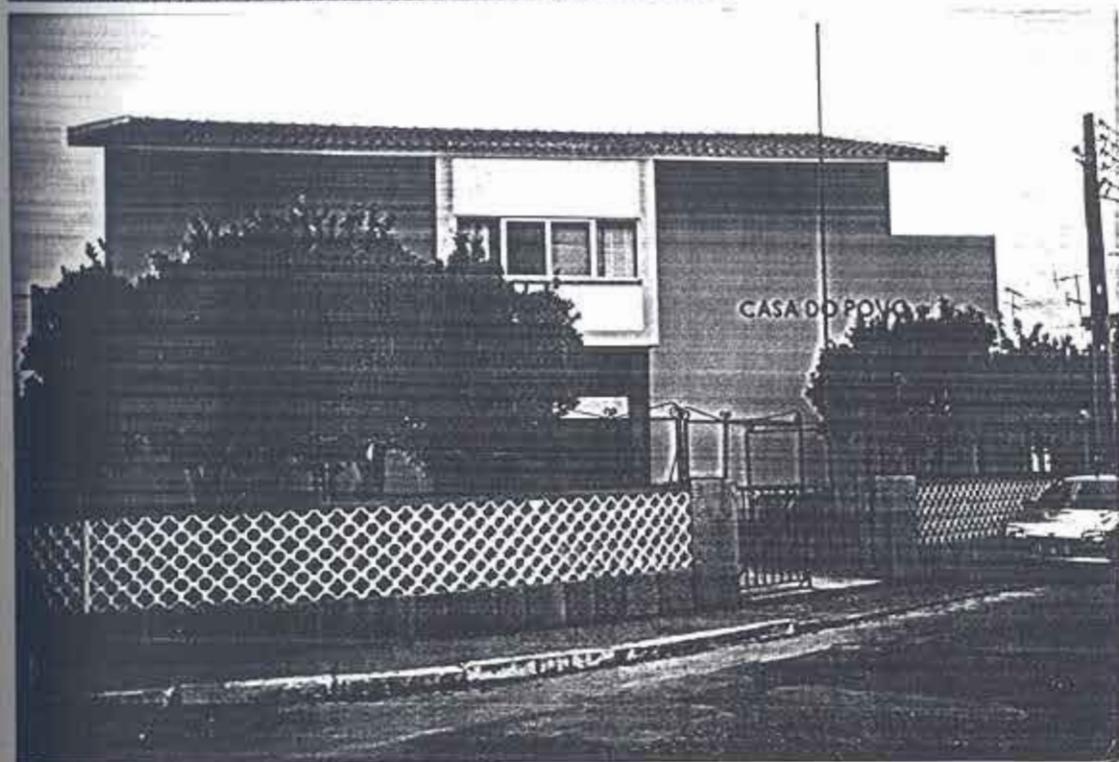


Do património cultural de Nisa consta ainda um museu etnográfico que se situa numa das extremidades da vila, instalado na Casa do Povo. Num espaço reduzido reúnem-se variadíssimos testemunhos dos usos e costumes tradicionais do povo nisense, desde as alfaias agrícolas aos trajes regionais.

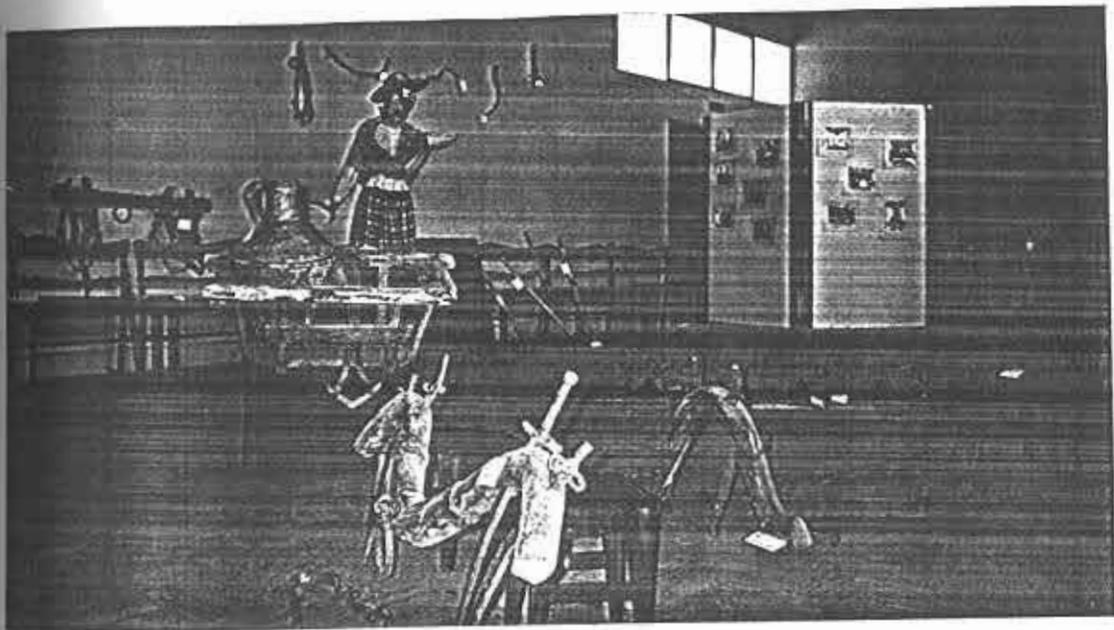
No lado oposto, discreta, esconde-se a secular Fonte da Pipa que data do séc. XVIII.



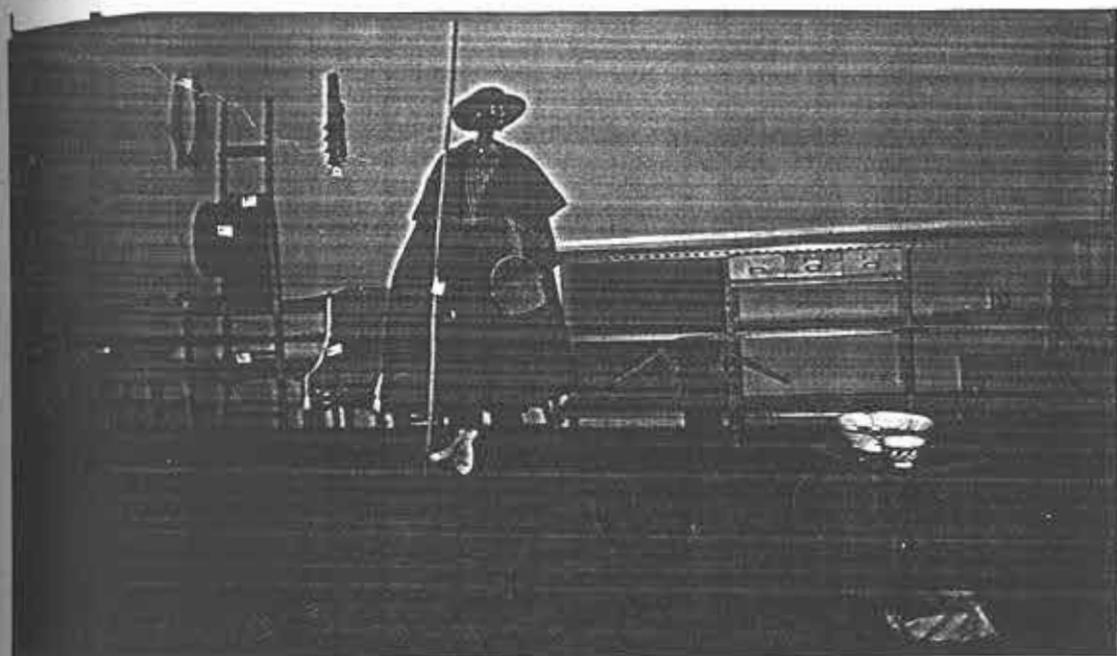
FONTE DA PIPA



CASA DO POVO - MUSEU ETNOGRÁFICO



MUSEU
ETNOGRÁFICO

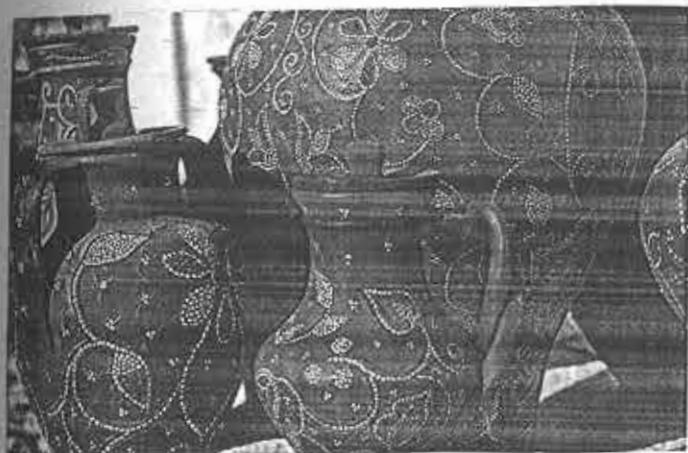


Mas Nisa não é só Património histórico é também riqueza popular, bem explícita no seu famoso e tradicional artesanato. As suas formas de expressão mais importantes e bem conhecidas são os alinhavados, os bordados e a olaria.

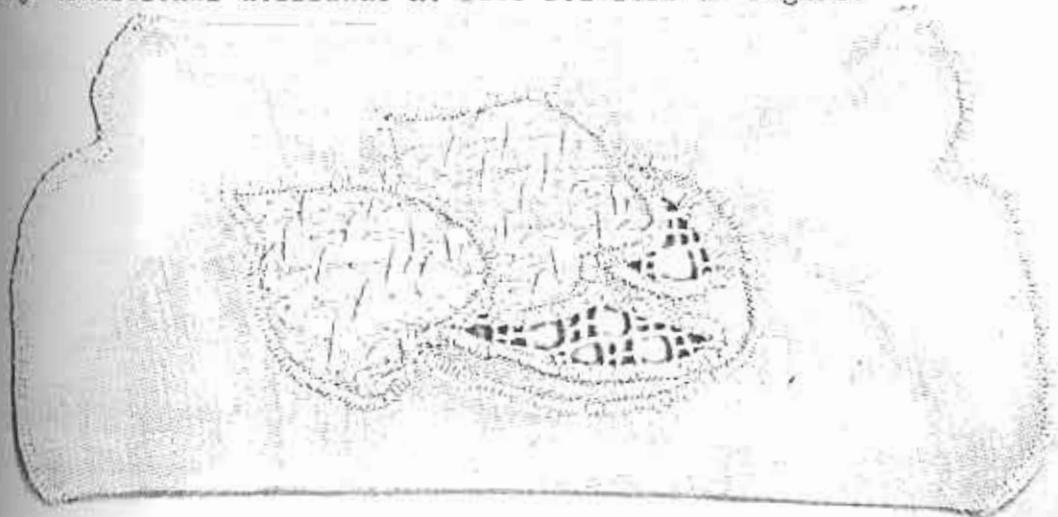
Na Olaria as peças mais características são as cantarinhas de barro vermelho salpicadas de pedrinhas de calcário branco da região.

São essencialmente peças de louça de água, cujos motivos decorativos estilizados baseiam-se na flora regional tais como rosas, malmequeres, pétalas e bolotas, ou ainda, símbolos mágicos ligados a superstições.

O trabalho de decoração das peças é executado por mulheres, o que vem tal como nas rendas e bordados, dar prova da sensibilidade artística da mulher nissense.



Os Alinhavados de Nisa são dos mais belos bordados portugueses. As aplicações em feltro são muito apreciadas em cobertores, saias de camilha, xales e centros de mesa. Os motivos utilizados são flores, parras, todo o tipo de folhas, cachos de uvas e outros relacionados com a flora local comuns aos da olaria. As rendas mais afamadas de Nisa são as de Bilros. Esta arte é bem expressa no seu traje tradicional utilizado no rico folclore da região.





Ainda dentro das actividades artesanais estão os artefactos de madeira, cortiça e chifre.

Nisa vive da agropecuária, destacando-se nesta actividade económica, o fabrico de queijo de ovelha, animal também utilizado para a produção de lã. A produção de cereais, cortiça, azeite, mel e vinho tem grande importância na zona. Outrora foi intensamente explorada no subsolo, pois a sua riqueza é bem patente não só na exploração de volfrâmio como também de urânio. Foram especialmente de grande valor as minas de Tolosa e de Nisa, esta última talvez a mais importante do país.

Da gastronomia da região destaca-se a sopa de peixe, sopa de sarapatel, os enchidos de porco e o coelho bravo. Nos doces refira-se o pudim de ovos, os folares de Alpalhão, os bolos de azeite e os biscoitos de mel.



QUEIJO DE OVELHA

Alojamento:

Residencial S. Luís

Residencial Ti Rosa

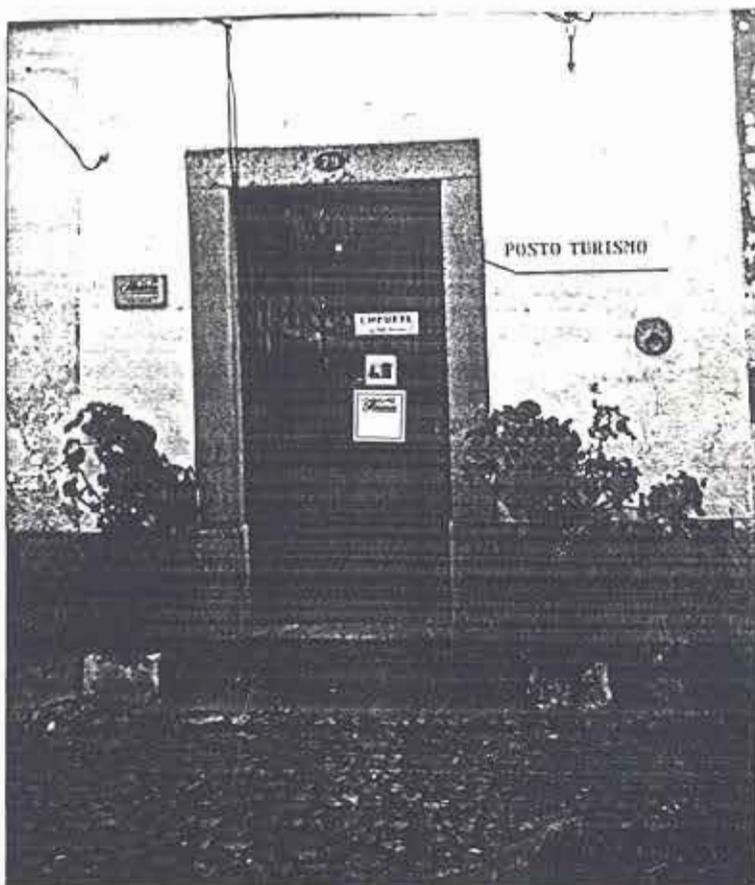
Restaurantes:

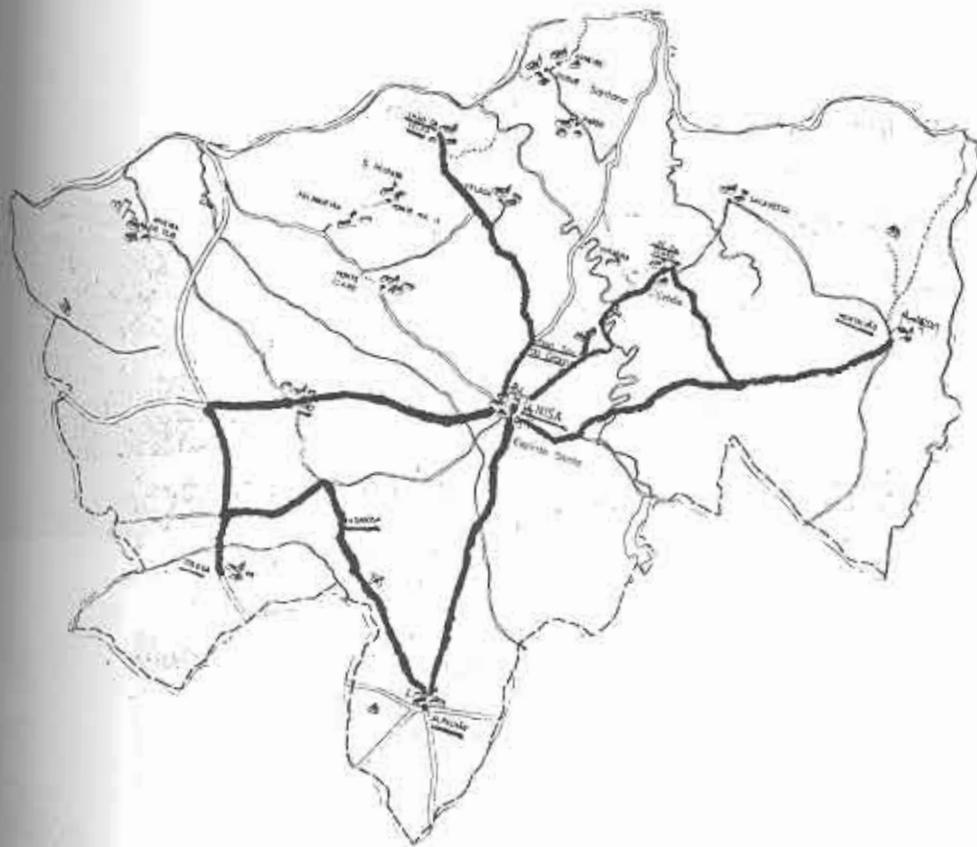
"O Prato"

"Fôr-do-Sol"

Posto de Turismo

Praça da República



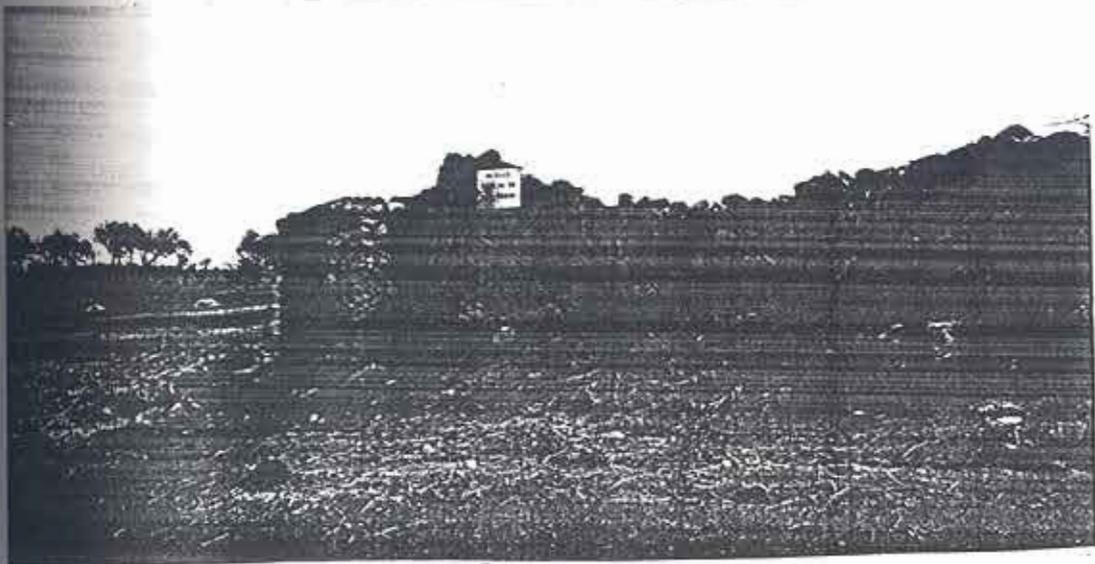


NOSSA SENHORA DA GRAÇA
NISA-A-VELHA

As ruínas da velha Nisa encontram-se a 275m da Capela da Nossa Senhora da Graça com a Ribeira de Nisa a seus pés. Teria havido no cimo do monte da Nossa Senhora da Graça, um castro romano cujos habitantes ainda em plena Romanização desceram do alto do monte para o vale que lhe fica a sw, edificando, ao abrigo da fortaleza, a povoação que foi a velha Nisa. Certo é, terem os Romanos deixado no local o rasto da sua permanência. É também indubitável que na área da actual Nisa existiram vários núcleos de Romanos. Desses núcleos restaram-nos alguns dinheiros de prata e outras moedas de cobre que têm aparecido nos arredores de Nisa. Também foram encontradas moedas visigóticas. Da dominação árabe foram encontradas em 1946, perto do Monte Claro, cerca de uma centena de moedas de prata dentro de uma panela de barro que a relha da charrua pôs a descoberto. As moedas datam do tempo do Emir de Córdova, Abderraham II, anos 821 e 852 da nossa Era.

Logo nos primórdios da nacionalidade, no governo dos primeiros monarcas, era Nisa povoação tão importante que antes de 1232 já consistia num Concelho.

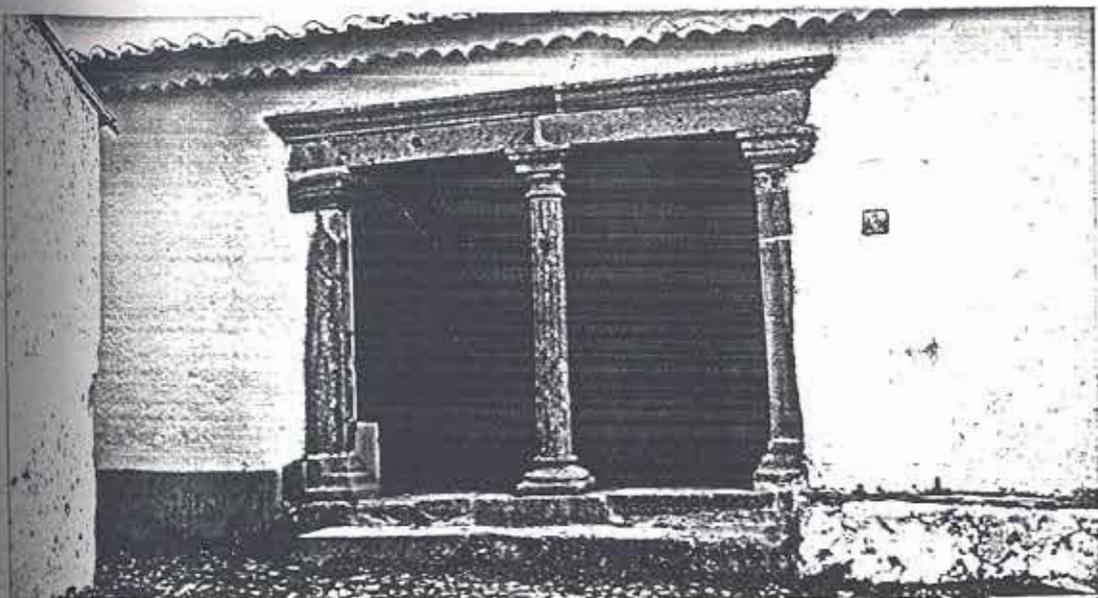
No séc. XIV, na luta fratricida que ensanguentou o reinado de D. Dinis, Nisa foi no Alto Alentejo, a maior vítima da rivalidade entre o monarca e o seu irmão D. Afonso.



RUÍNAS - IGREJA DE SANTIAGO



CAPELA DA NOSSA SENHORA DA GRAÇA



ERMIDA DA NOSSA SENHORA DOS PRAZERES

NISA-A-VELHA

CAPELA
N. Sra da Graça

A 4 km para sw recortava-se no horizonte o perfil do austero Castelo dos Templários, donatários de Nisa-a-Velha, uma das primeiras terras que lhes foram doadas nesta região. D. Dinis ao levantar olhos dos restos enegrecidos da incendiada vila, logo em seu espírito surgiu a ideia de junto daquele castelo mandar edificar nova povoação e oferecê-la aos leais nisenses que deixaram arrasar os seus lares só para não atraçoarem o seu rei.

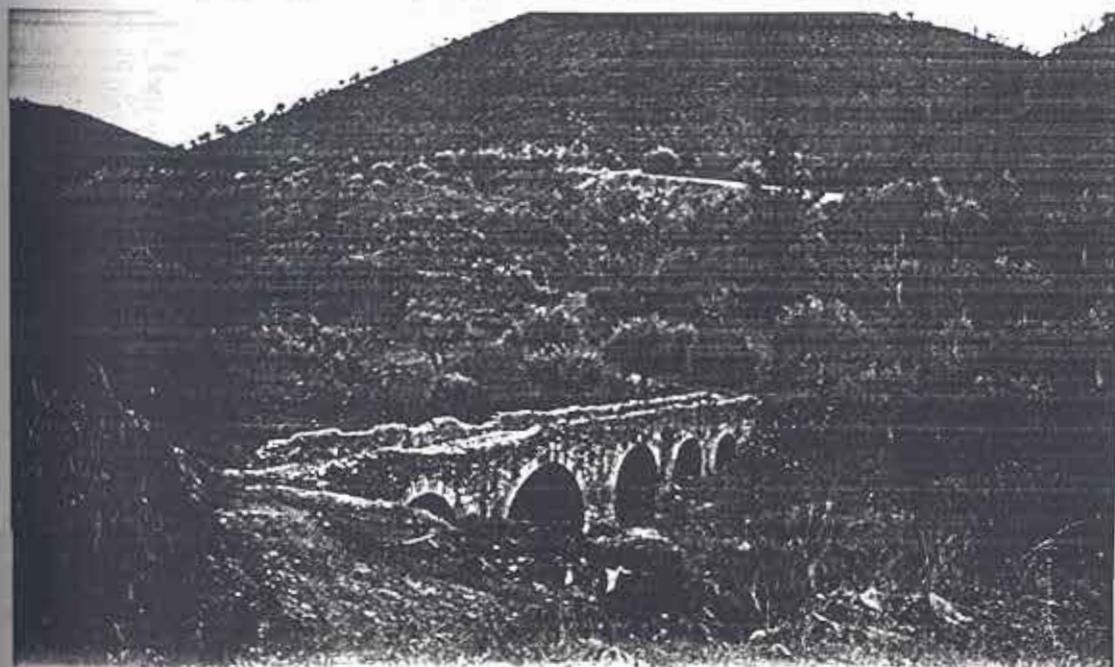
Mais adiante, a Capela da Nossa Senhora da Graça a 300m de altitude, dista 4 km da Nisa nova. O acesso a este excelente miradouro é feito por uma escadaria. No séc. XII foi matriz da antiga Nisa. Foi fundada pelos Templários passando depois para posse da Ordem de Cristo. A Nossa Senhora da Graça é padroeira de Nisa e esta capela é motivo de romaria na Segunda-feira de Páscoa.

Ao subir a escadaria do lado esquerdo encontra-se uma discreta ermida, a Ermida da Nossa Senhora dos Prazeres do séc. XVI, reconstruída sobre outra do séc. XIV.

Há notícia de terem existido na antiga Nisa vários locais de culto religioso, como a Ermida de S. Lourenço, a Ermida de Santo André e a de Santiago da qual ainda subsiste um pequeno troço de pedra. A Ermida de Santiago era a segunda paróquia da antiga vila. Junto conserva-se um cruzeiro de 1638.

Perto fica ainda outra ermida, a Ermida dos Fiéis de Deus. Aquando da sua reconstrução se levantou a soleira para se modificar a porta, verificou-se ser esta constituída por um antigo marco assinalado com a Cruz de Cristo, que deve ter servido para delimitar ali próximo qualquer propriedade da comenda. Também ali se encontraram grãos de trigo fossilizados. Acerca da origem da Ermida nada se sabe, é possível que com outras da mesma invocação a tivessem erigido sobre a sepultura de algum justicado.

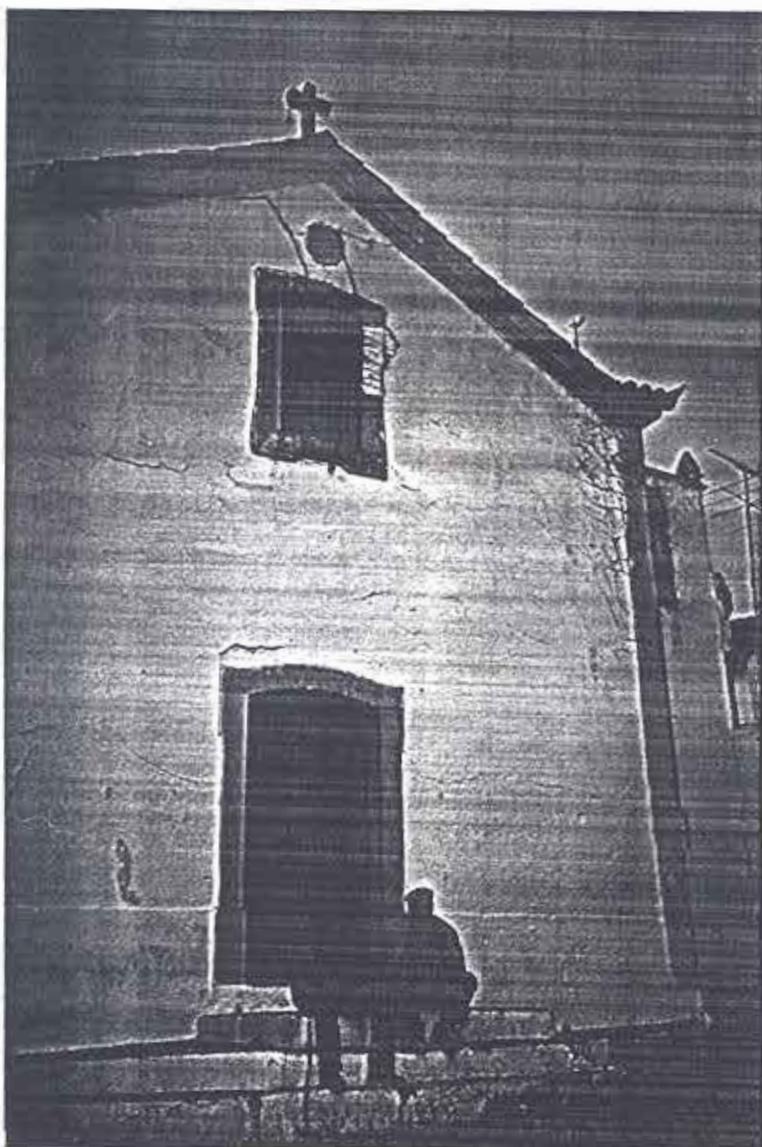
No caminho de Nisa para Pé da Serra descobre-se uma Ponte Romana sobre a Ribeira de Nisa, que parece perdida no tempo pelo seu bom estado de conservação.



PÉ DA SERRA

Povoação da freguesia de S. Simão, fica situada no sopé da Serra de S. Miguel, donde o nome de Pé da Serra.

Pequena aldeia muito antiga, cuja actividade económica se baseia na agricultura e apicultura, tendo um elevado índice de emigração. É conhecida pela sua Romaria a S. Simão no quarto Domingo de Agosto. É um festa animada com manifestações desportivas, fogo preso, procissão, danças e cantares, sendo enriquecida por poetas populares que cantam quadras feitas de improviso. Entre as típicas e pitorescas^{45 45} encontra-se a Igreja de S. Simão.



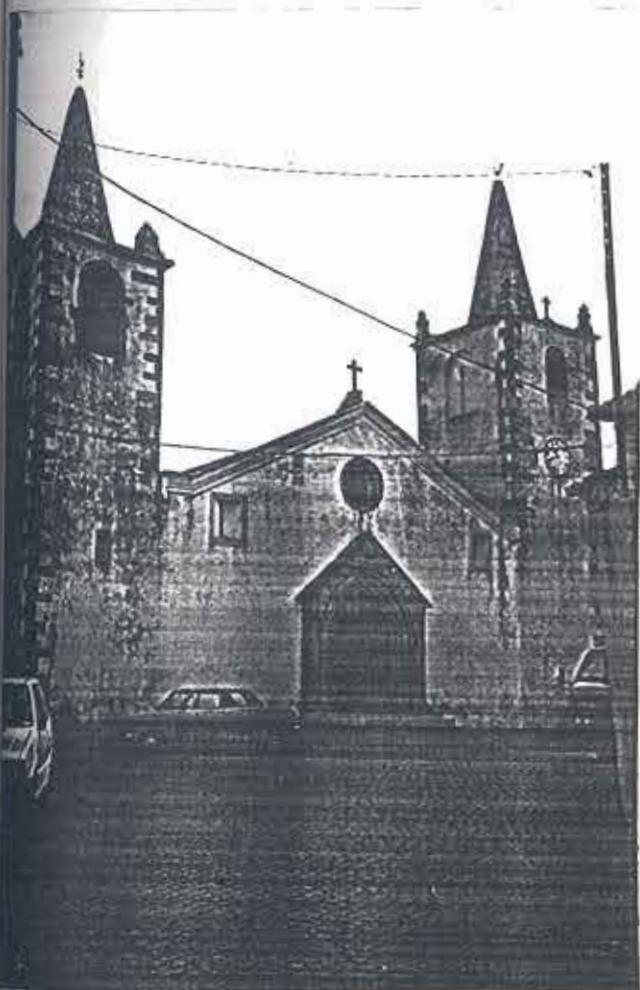
IGREJA DE S. SIMÃO

MONTALVÃO

Povoação antiga situada a 331m. A proximidade da albufeira da Barragem da Foz do Rio Sever, a 2 km da aldeia, e a abundância de matos permitem que a pesca e a caça sejam desportos favoritos na zona.

A toponímia terá derivado de Monte Alvão, sendo o nome de Alvão o de uma ave semelhante à andorinha. Poderá derivar, também, de alvo que significa monte branco. Mas, segundo a tradição oral consta que as mulheres deste lugar quando iam ao mato pronunciava-se a seguinte frase: "As mulheres do Monte lá vão!".

Na Rua do Adro pode-se visitar a Igreja Matriz do séc. XVI. Sendo simples no seu exterior é no entanto bem ornamentada no seu interior. A divisão das naves é feita por arcos redondos e colunas de granito. Ainda nesta rua encontra-se a antiga Igreja da Misericórdia.



IGREJA MATRIZ



IGREJA DA MISERICÓRDIA

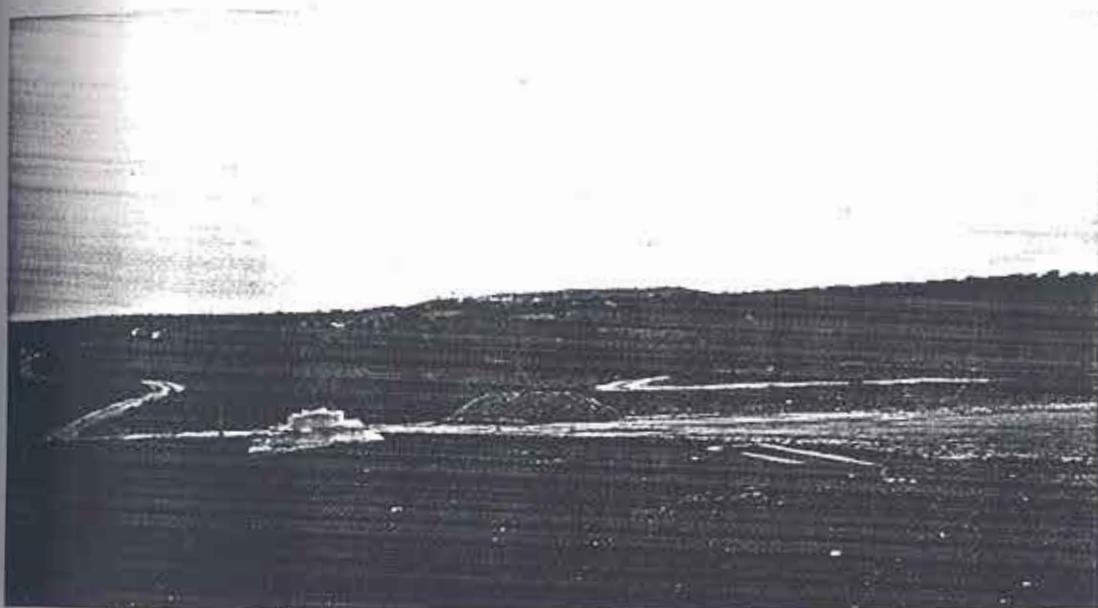
Montalvão possui um Pelourinho Manuelino, com as seguintes datas gravadas: 1140, 1640 e 1940. Este encontra-se ao lado da Igreja Matriz, vendo-se ainda por trás desta, restícios de parte das muralhas do antigo castelo fundado em 1300. As muralhas e a porta que ainda se podem ver datam de 1660.

A cerca de 4 km da povoação, no meio do campo, encontra-se isolada mas bem conservada a Ermida da Nossa Senhora dos Remédios.



ERMIDA DA NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

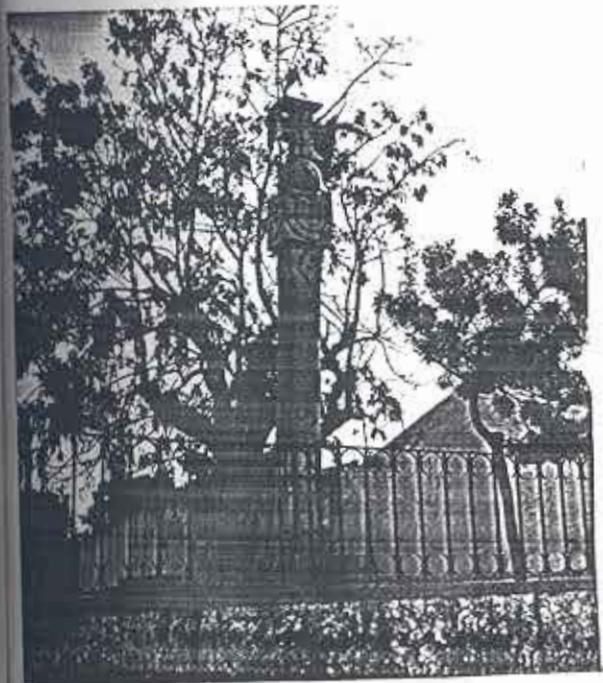
Na capela-mor a imagem que se vê ao centro é a da Santa e do lado esquerdo é a de S. Simão. No altar lateral direito está uma imagem antiga de S. Caetano (na parede, uma alminha antiga de agradecimento por cura de doença) e no altar lateral esquerdo estão as imagens antigas de S. José e do Menino de Deus. Aqui nesta ermida faz-se uma grande romaria no dia 8 de Setembro e no primeiro Domingo de Março. Nesta data, as mulheres de Montalvão aqui se dirigem para rezar as 100 Avé-Marias. Do terreiro da Ermida tem-se um vastíssimo panorama, alcançando a vista a Freguesia de Montalvão.



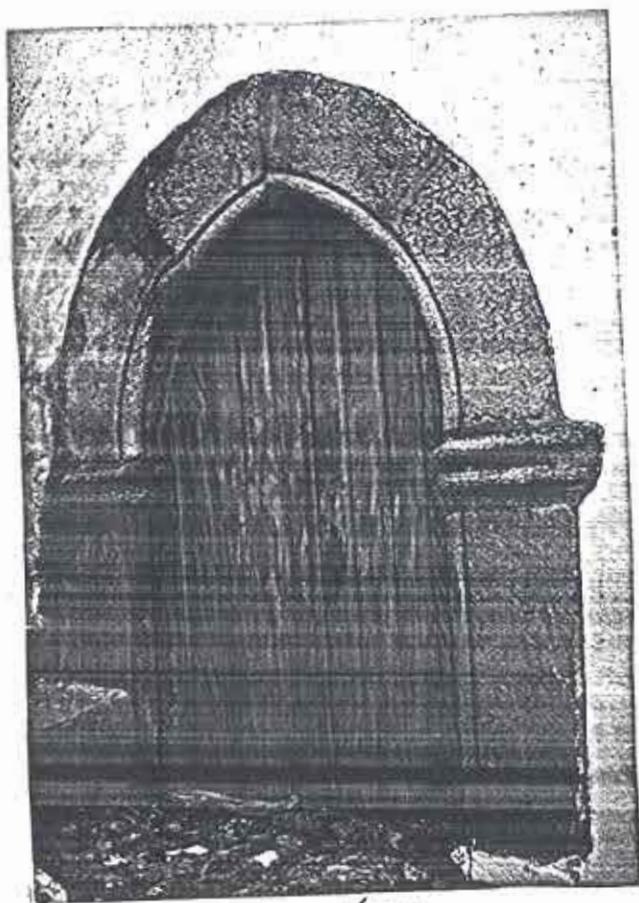
No que diz respeito ao artesanato destacam-se as rendas de pêlo de cabra, utilizando um fio especial ou lã muito fina. A fiação e a tecelagem do linho foram em tempos actividade característica das mulheres de Montalvão. Produzem-se

pelos xales e cachecóis.

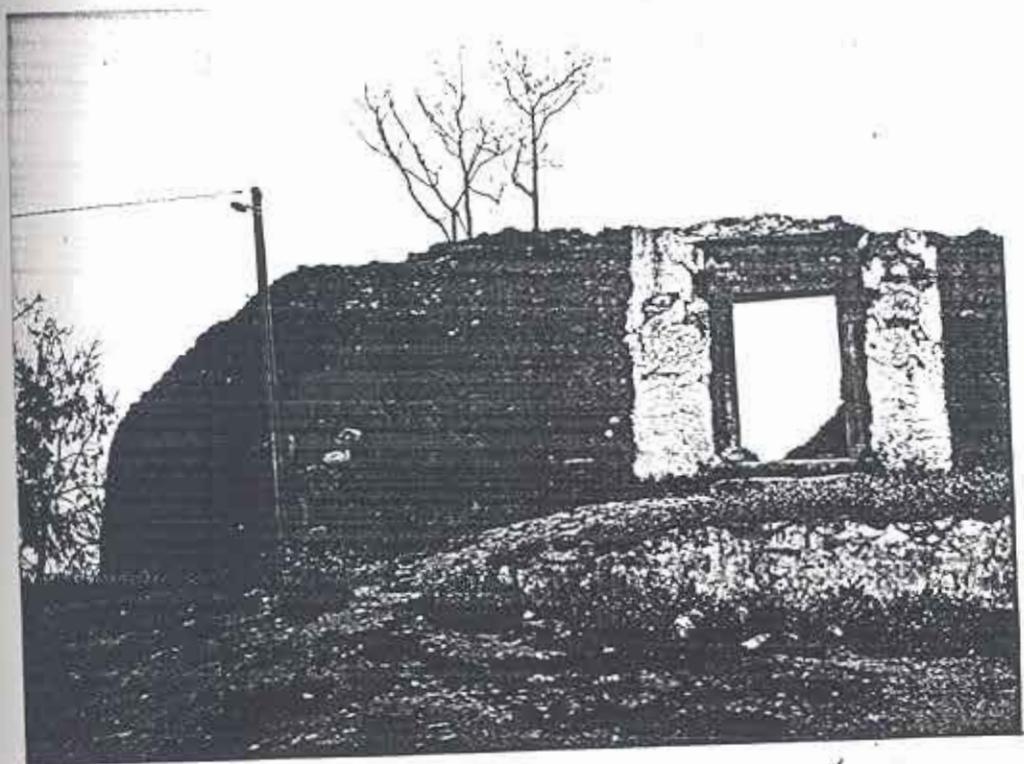
Os montalvenenses são conhecidos pela alcunha de "Pardinhos", devido à cor morena da sua pele..



PELOURINHO



PORTA GÓTICA



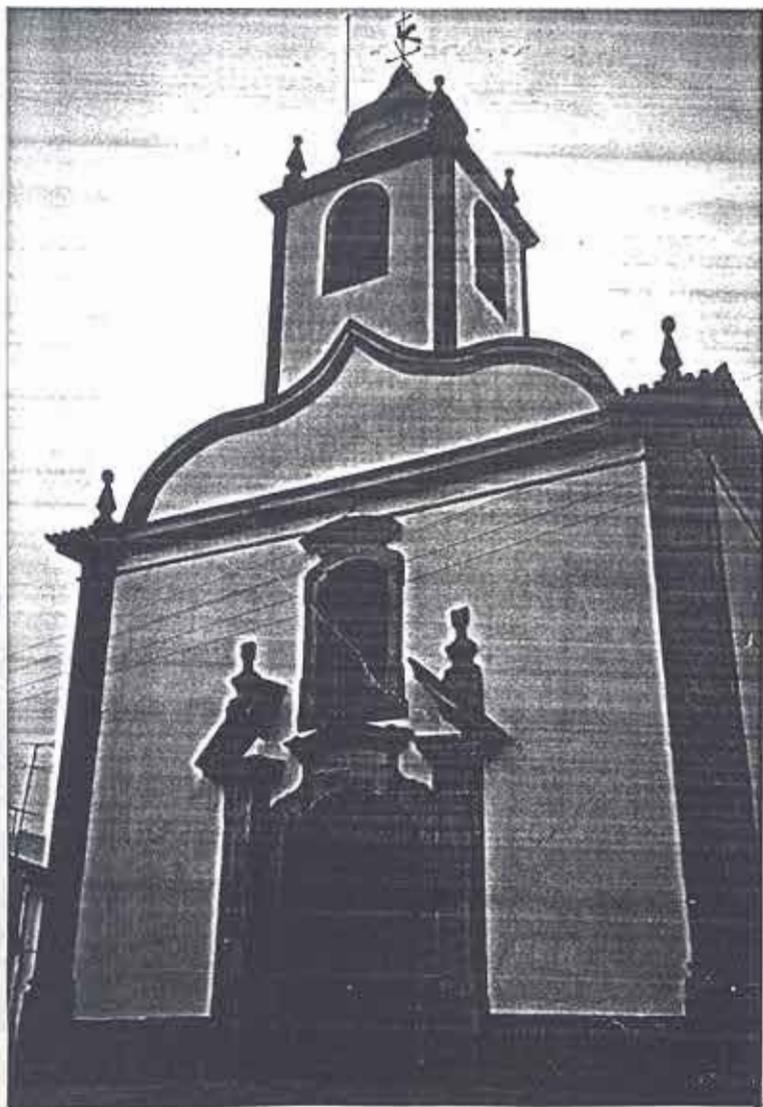
MURALHAS

ALPALHÃO

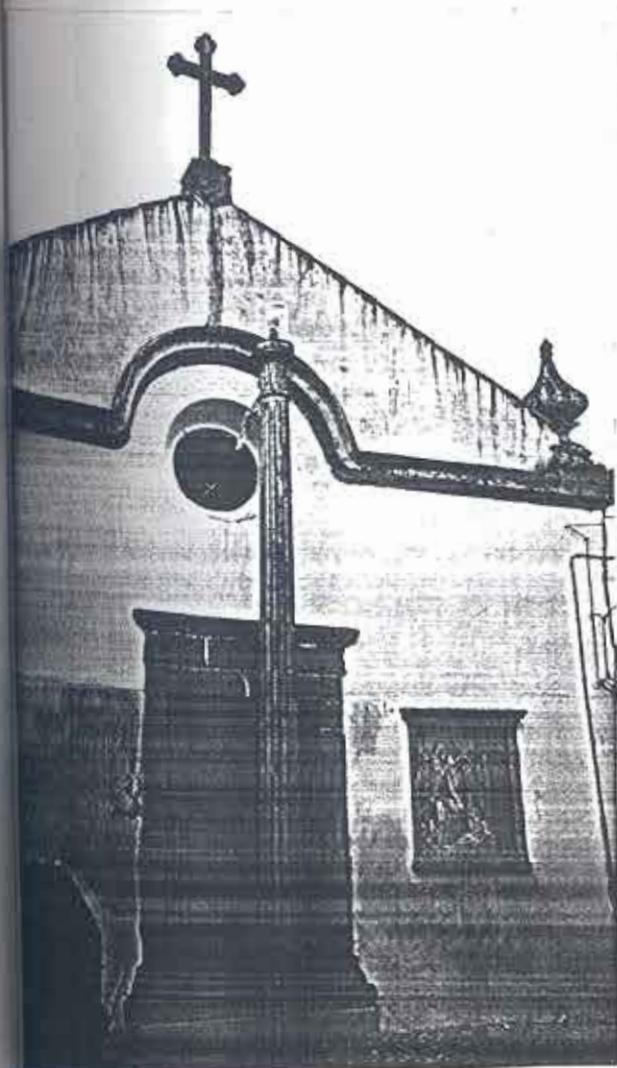
"Alpalhão" talvez seja corrupção de Alpalhandro, nome dado a um mosteiro que existia, onde hoje acenta a moderna vila de Alpalhão, segundo uma referência feita num documento do séc. XIII. O nome do mosteiro, "Monasterium Alpalantri", provém talvez do nome do seu fundador ou de Falhão ou Palheirão, lugar onde se guarda palha, pois o centeio abunda na região.

A povoação figura já com o nome de Alpalhão numa concordata feita em 1215 entre o Bispo da Guarda e os comendadores dos Templários. Esta concordata mostra que a vila pertenceu à Ordem do Templo e que sob o ponto de vista eclesiástico à Diocese da Guarda.

No património artístico de Alpalhão são de interesse, a Igreja Matriz do séc. XVII em estilo maneirista; a Capela de S. Pedro; a Igreja da Misericórdia ou de S. João; o Pelourinho encimado pela Cruz de Cristo e tendo na base as seguintes datas: 1140, 1640, 1940; Capela do Calvário e o seu Cruzeiro com Cristo Crucificado esculpido em granito, vendo-se na face contrária a cena da Descida da Cruz; a Fonte de Baixo em estilo barroco com as seguintes datas inscritas: 1752 e 1886 e a Capela da Nossa Senhora da Redonda no campo.



IGREJA MATRIZ



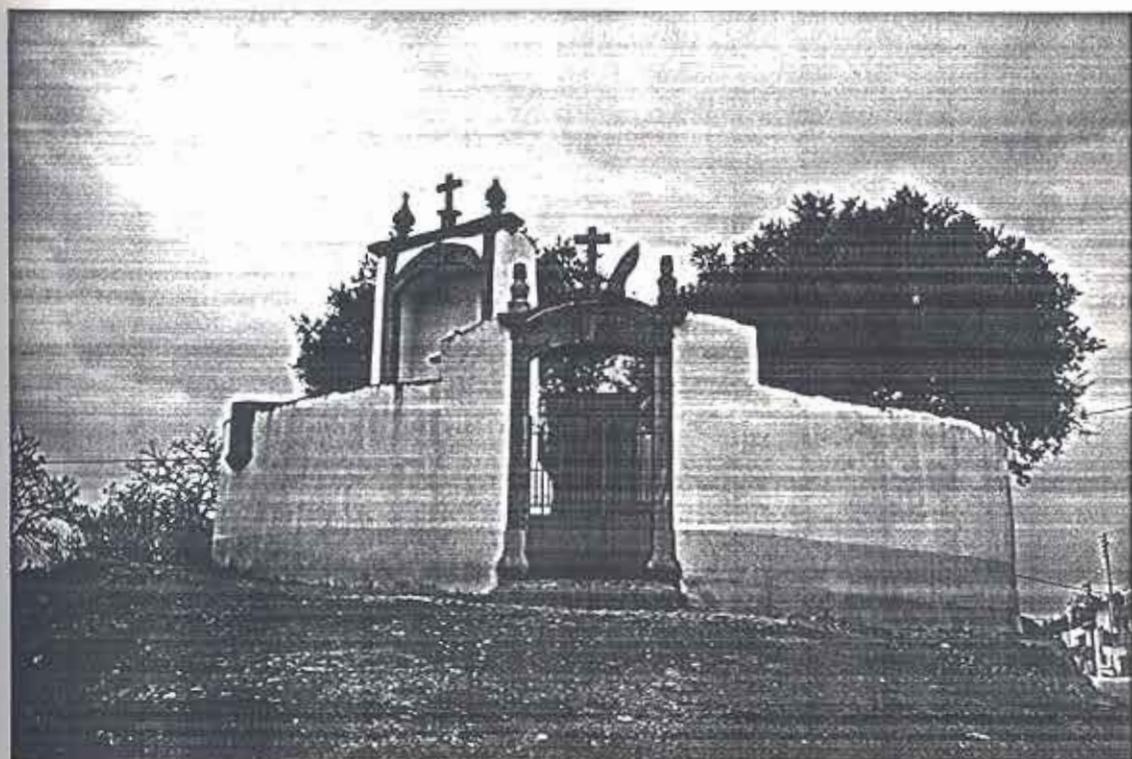
CAPELA DE S. PEDRO



PELOURINHO



IGREJA DA MISERICÓRDIA



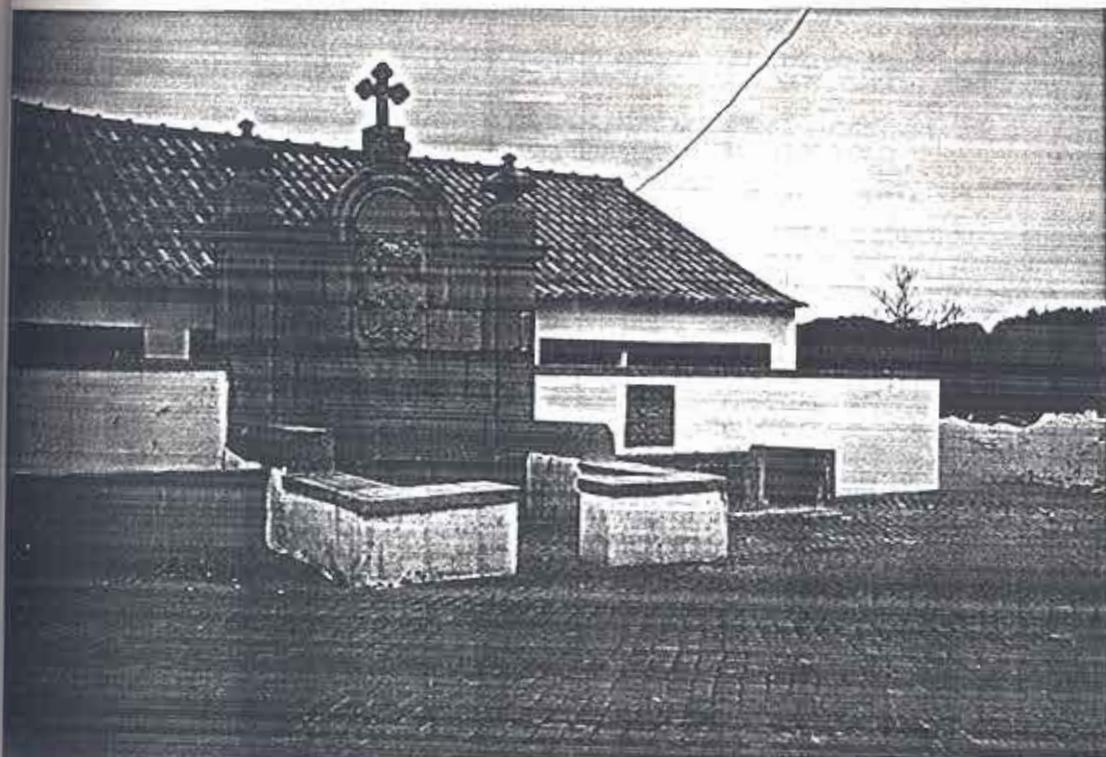
CAPELA DO CALVÁRIO



CRUZEIRO DO CALVÁRIO



CRUZEIRO DO CALVÁRIO - PORMENOR



FONTE DE BAIIXO - Estrada de Portalegre

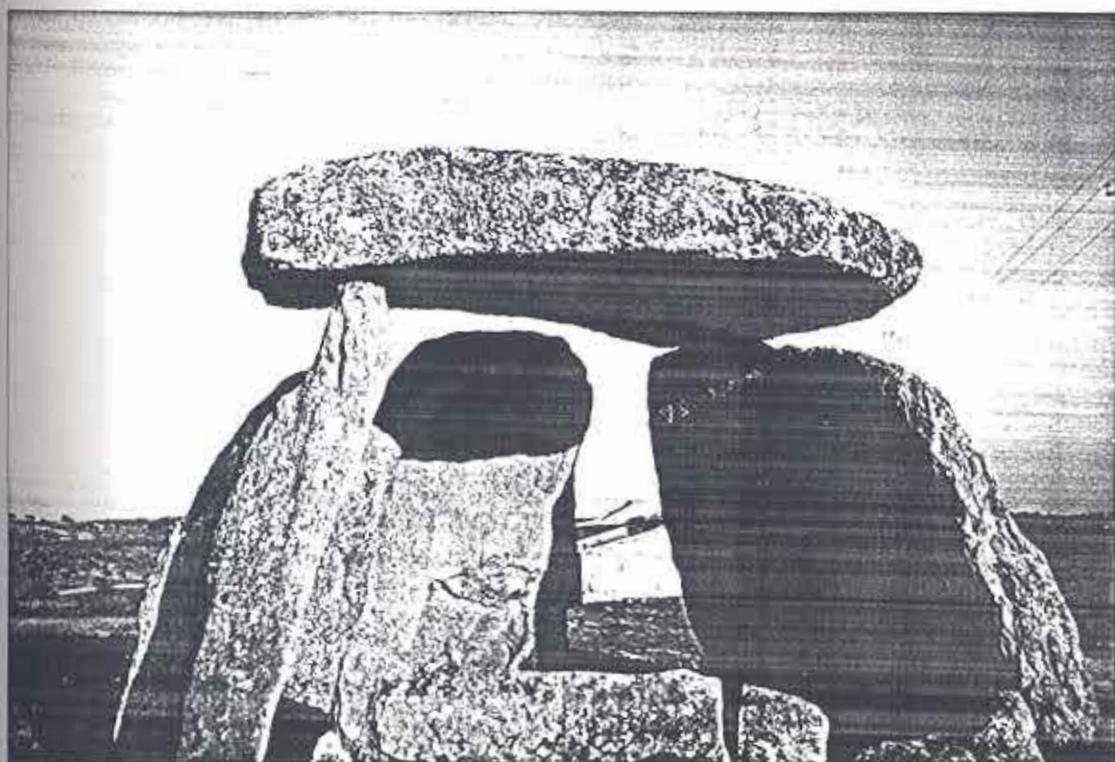
A Capela da Nossa Senhora da Redonda fica a 4 km da vila. A capela está bem conservada e o seu interior é todo revestido de belos azulejos. No adro, um curioso cruzeiro de reduzidas dimensões desperta a atenção. Daqui tem-se um bom panorama sobre os campos circundantes. A festa em honra de Nossa Senhora da Redonda realiza-se na Páscoa.



CAPELA DA NOSSA SENHORA DA REDONDA

Alpalhão mantém ainda uma tradicional indústria de fabrico de calçado, fabricando-se as botas de elástico e de atacado com sola de pneu e as sandálias típicas. Daí que os alpalhoenses fossem essencialmente conhecidos por "Papa-solas" e "Poupa Solas".

No caminho velho de Alpalhão para Arez encontra-se a mais perfeita Anta que se conhece nesta região, a Anta da Seiceira ou Anta de S. Gens, considerada Monumento Nacional.

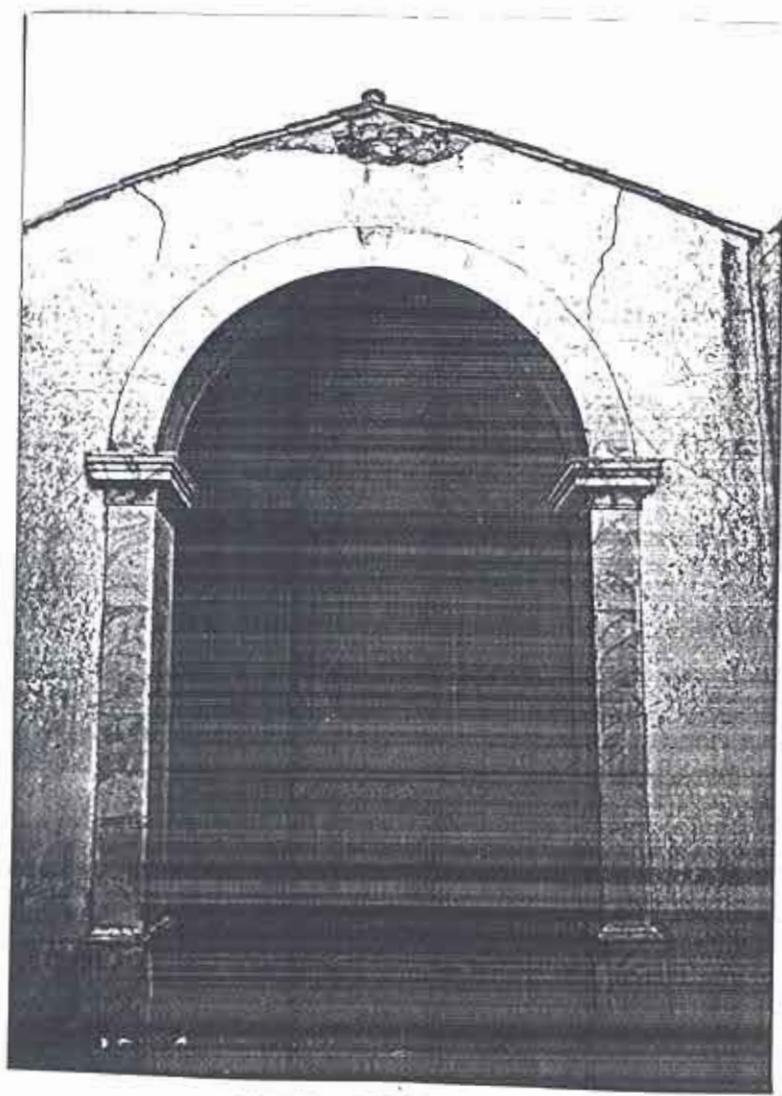


ANTA DA SEICEIRA

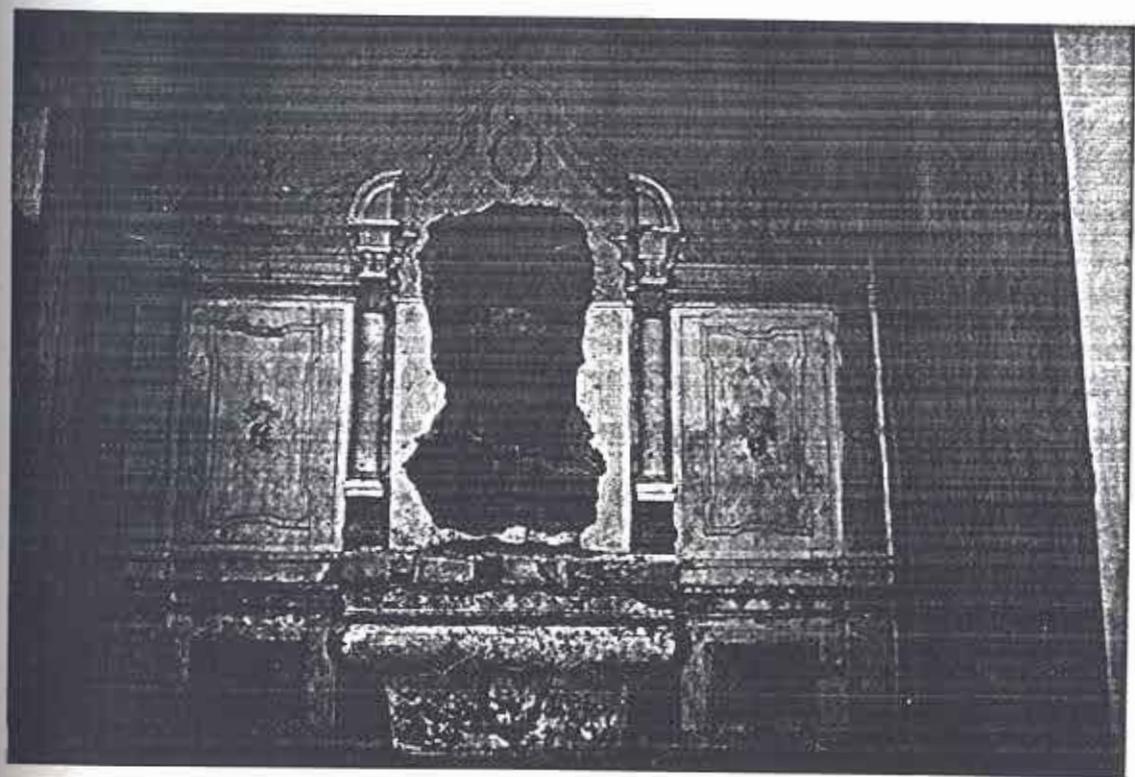
A poucos metros da Anta fica a Ermida de S. Gens, cujo mártir romano era o patrono dos fastientos. Fazia-se-lhe na Terça-feira de Páscoa uma festa muito concorrida com romeiros que vinham de Alpalhão, Gáfete, Tolosa e Arez. Aqui foi encontrada uma moeda visigótica. Por várias vezes arruinada e reparada, a capela está hoje quase só reduzida a paredes. A mais antiga reparação de que se tem notícia foi em 1716. A imagem do santo encontra-se actualmente na Igreja do Espírito Santo em Nisa.

Seguindo este caminho, continuando na mesma direcção surge um atalho que conduz à Fadagosa onde existe uma fonte célebre, mais na antiguidade, pelas suas características medicinais. Estas águas são classificadas como sulfídricas frias, sendo empregues no tratamento do reumatismo e enfermidades dermatológicas. Fadagosa é hoje uma Estância Termal. É assim chamada devido ao mau cheiro das águas e cor do enxôfre - "Fedegosa".

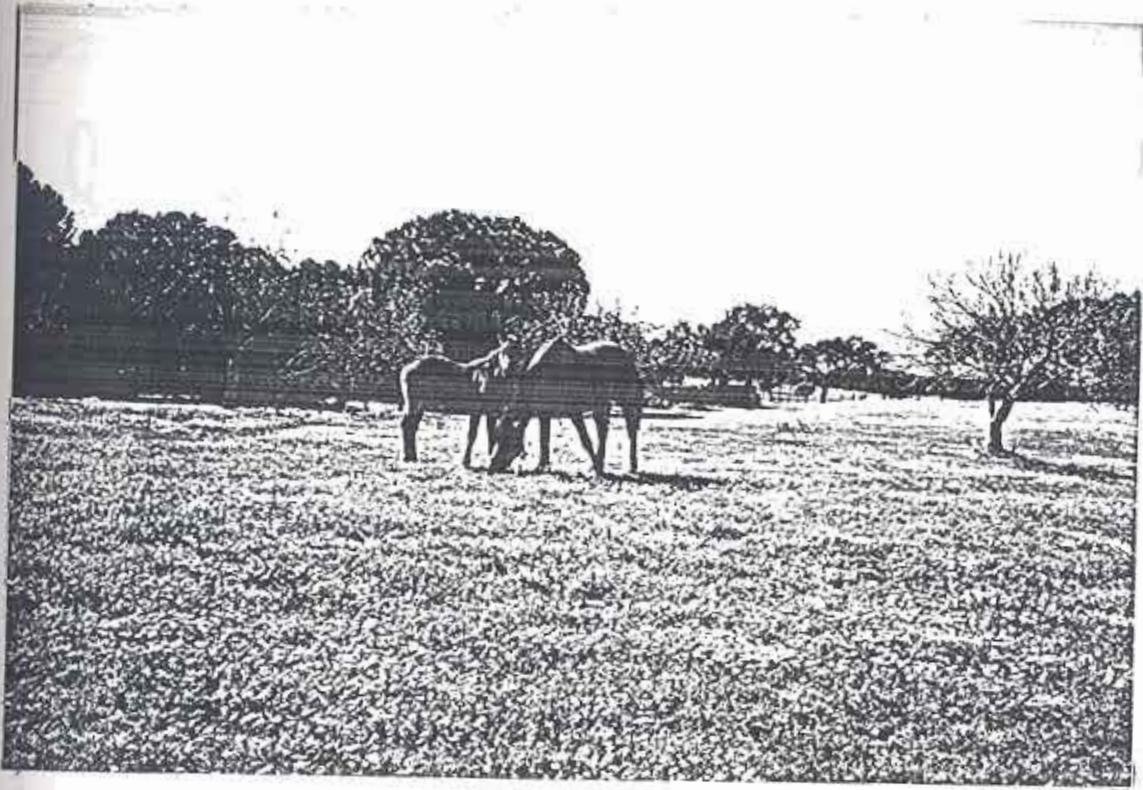
Ao virar no cruzamento em direcção a Tolosa refira-se que do lado direito fica um monte agrícola - o Maxial - onde se fabricam os famosos queijos de ovelha de modo artesanal, entre outras produções características da região.



ERMIDA DE S. GENS



ERMIDA DE S. GENS - INTERIOR



HERDADE DO MAXIAL



HERDADE DO MAXIAL

QUEIJO DE OVELHA DE AREZ

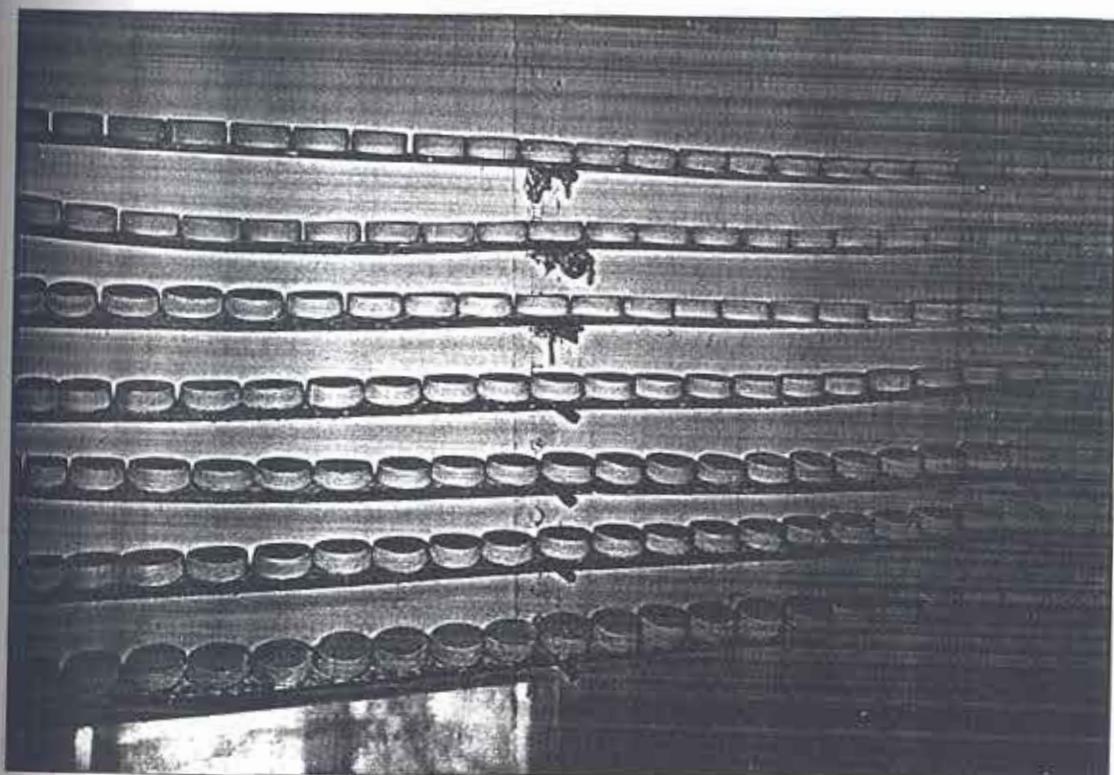
CASA AGRICOLA

Pestana Bastos

MAXIAL

TELEFONE 48116

A R E Z



QUEIJEIRA DO MAXIAL

TOLOSA

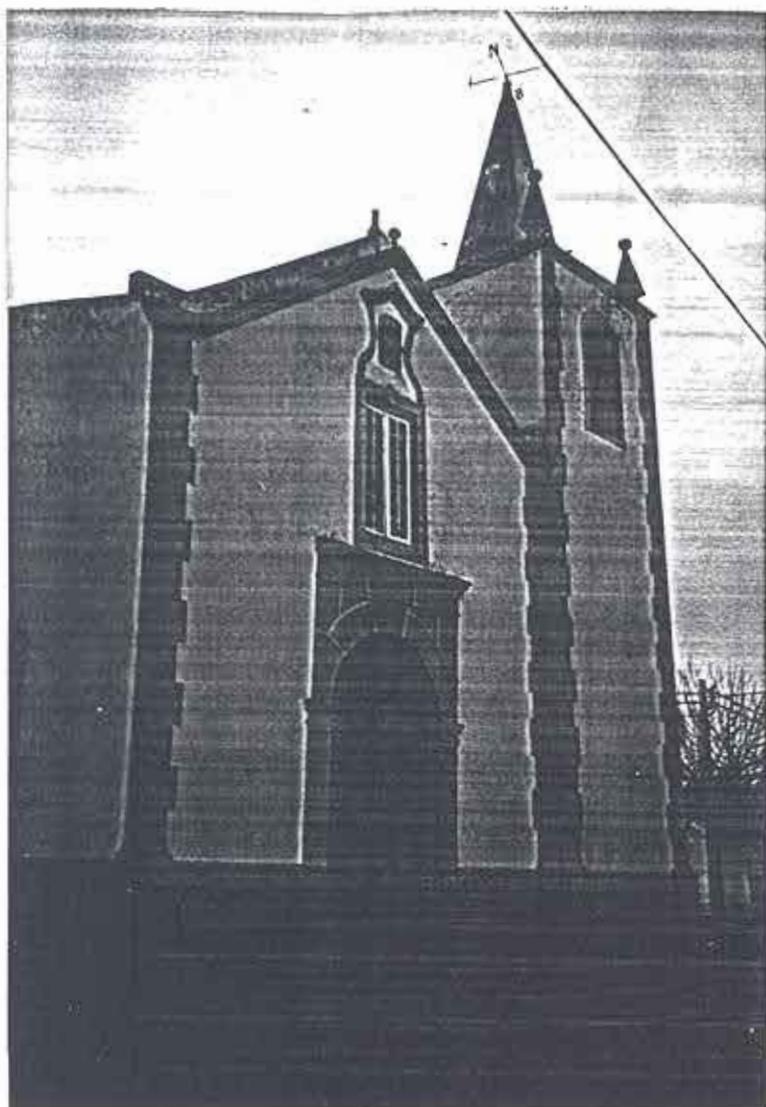
Tolosa foi fundada no séc. XIII pelos frades da Ordem dos Hospitalários oriundos da capital do Languedoc - Toulouse - dando assim origem ao nome da vila. O seu primeiro foral data de 1212 e foi concedido pelo Grão-Prior do Crato. O seu povoamento data de 1262 e esteve a cargo dos Freires do Hospital. Em 1281 recebeu novo foral e foi vila e sede de um concelho. O concelho de Tolosa foi extinto em 1836, pertencendo depois ao de Alpalhão, Nisa, Crato e finalmente ao de Nisa desde 1898.

Tolosa pequena e pitoresca é atraente como aglomerado. A sua Igreja Matriz merece uma breve visita, pois foi construída em 1652 e restaurada em 1889. Na capela-mor conservam-se ainda, azulejos do séc. XVII e uma imagem gótica da santa de invocação desta igreja, Nossa Senhora da Encarnação.

Perto da Igreja Matriz fica o Cruzeiro e um Busto em homenagem ao Dr. António Biscaia Hortas, falecido em 1946.

A cerca de 4 km de Tolosa encontra-se a Capela de Santo Amaro.

Curioso é também a alcunha pela qual os tolosenses são conhecidos - "Os Cucos".



IGREJA MATRIZ



CRUZEIRO



BUSTO EM HOMENAGEM AO
DR. ANTÓNIO BISCAIA
HORTAS

AREZ

Arez ou Arês é uma povoação rural do Concelho de Nisa situada a 7 km para Oeste da vila concelhia.

O seu topónimo relaciona-se, talvez, com a influência que esta zona sofreu. O nome Ares tem sido interpretado como uma alusão aos bons ares da localidade, mas também é de crer que se relacione com o nome romano Arentius, de acordo com os vestígios da Romanização encontrados na região de Nisa.

Existem nesta zona numerosos testemunhos que provam a passagem do Homem do Período Neolítico. Numa elevação de terreno acerca de 800 m de Arez, no couto de Santo António, foram encontrados há alguns anos fragmentos de barro com grande espessura, o mesmo acontecendo na tapada do Pessegueira a 3 km da aldeia para sul numa costa que margeia um ribeiro.

O povoamento no território nesta freguesia remonta as épocas pré-romanas e da Romanização. Os vestígios do passado que por aqui se têm encontrado provam-no, tais como: ruínas, telhões, "pedras d'intigo", caqueirada e casas do tempo da mourama. Por aqui, também, se descobriram algumas moedas sendo várias delas visigóticas e aras.

Arez teve foral dado por D. Manuel I, em Lisboa a 20/10/1517. Era Comenda da Ordem de Cristo e como tal o pároco era seu freire professo. Num documento relativo as Côrtes de Almeirim (1544) apresentado ao monarca D. João III pelos procuradores são referidas as vilas de "...Monte Allvã / Arees / Villa Frol / Alpalhão.

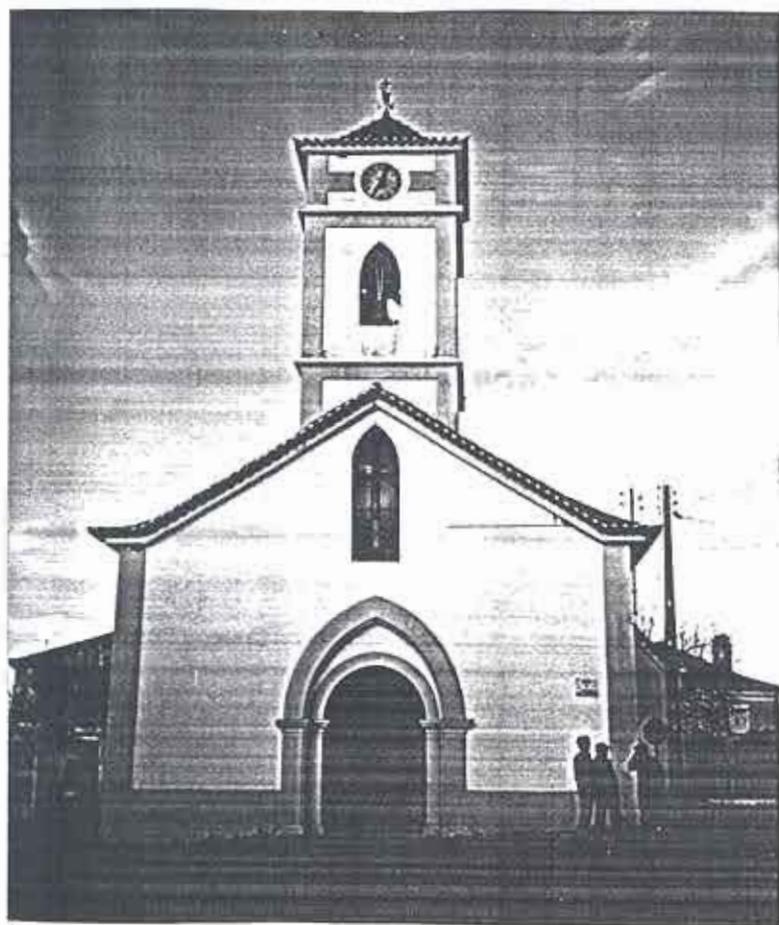
O concelho de Arez foi desanexado da Comarca de Castelo Branco em 1833, bem como os de Montalvão, Alpalhão e Tolosa. Foi o concelho extinto em 1836 e definitivamente incorporado no de Nisa, e assim, foi-se concretizando o sonho de fazer de Nisa, realmente, a "Côrte das Areias".

Arez descansa suavemente numa pequena colina ao longo da qual o casario se estende até à ribeira do seu nome, debruada de choupos e salgueirais. As ruas são largas e quase todas calcetadas e as casas são térreas, caiadas de branco, todas de dois pisos excepto as das ruas principais: a Rua Nova e a Rua Velha. As habitações modestas são de gosto sóbrio, simpáticas, asseadas e hospitaleiras.

O povoado é cercado de extensos sobreirais, azinhais e carvalhais pouco densos em campos votados à pastorícia e cerealicultura. A cultura é intensiva e a propriedade dividida com designações diferentes: é a horta, com a nora mourisca ou a picota de tirar água dos poços para fazer o regadio, onde é semeado um conjunto de produtos agrícolas para auto-consumo e gados; Mais longe, os campos tomam outro aspecto, é a "tapada", denominação para a propriedade cercada de parede de pedra-seca, de blocos de granito que se equilibram uns sobre os outros.

A courela, o couto e a herdade são outras designações que se dão ás propriedades da área, sendo a última relativamente grande, da ordem das centenas de hectares. Para poente verdejam os extensos eucaliptais, há pouco plantados, sobretudo conhecidos por "charneca". A poucos quilómetros da aldeia, para leste, existe um terreno que foi dividido e aforado aos naturais da freguesia, no sítio das "Razas" e onde quase todos possuem uma glebe a que chamam "sortes". É interessante a designação, a qual, posto ser semelhante ás "tertiaie" dos Romanos, foi uma forma de divisão agrícola que se desenvolveria em Portugal, tornando-se "o principal instrumento de abolição da servidão".

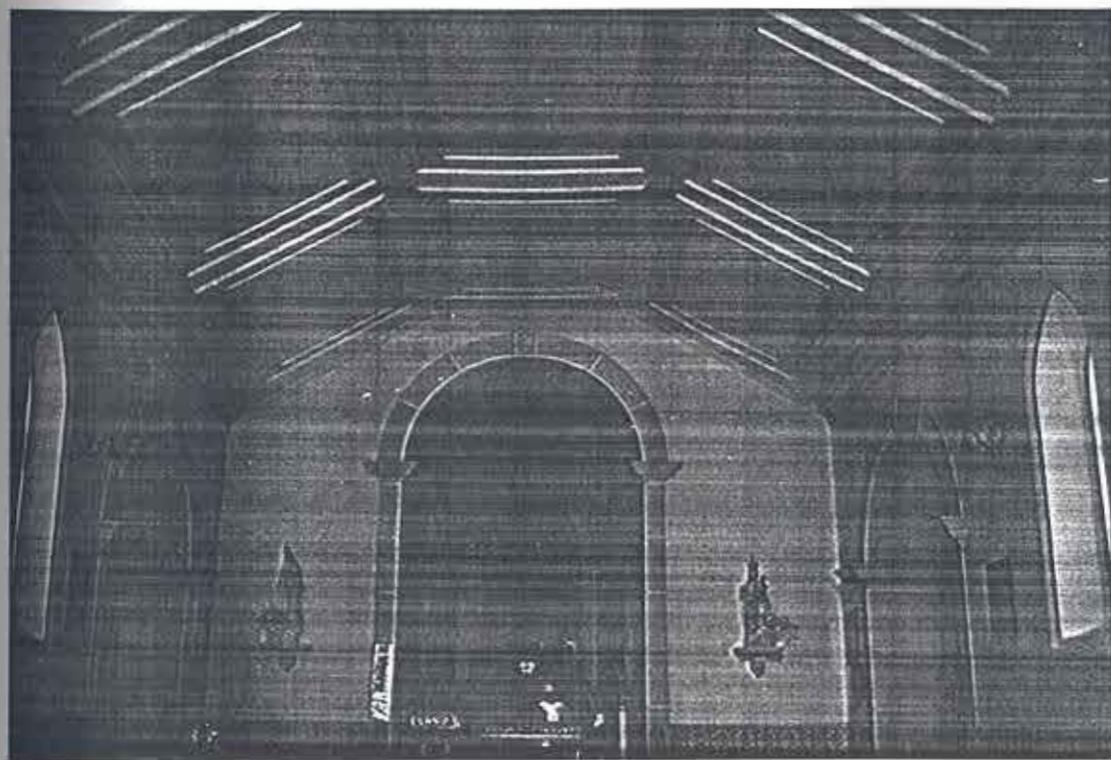
Arez possui Misericórdia e é seu órago Nossa Senhora da Graça.



IGREJA PAROQUIAL

A Igreja Paroquial ergue-se no centro da povoação. É da invocação de Nossa Senhora da Graça e data do séc. XVI. Na fachada principal um pórtico de granito com arco redondo sobre empostas quadradas. A torre é alta tendo ao cimo três olhais com arcos quebrados e uma cúpula em cone com remate e catavento de ferro forjado. O interior é de uma só nave com tecto de esteira, recentemente restaurado. Tem dois altares colaterais em talha dourada do séc. XVIII. O altar-mor é moderno mas possui ainda os restos de um retábulo do séc. XVI todo repintado. Conservam-se ainda nesta igreja as seguintes imagens de pedra: Nossa Senhora da Graça, séc. XVI; Santo António, séc. XVI; S. Sebastião, séc. XVI e a

de Santa Luzia, séc. XV. Guarda-se, também, uma custódia de prata dourada cons-
tituída por cálice e ostiário do séc. XVI / XVII.



IGREJA PAROQUIAL - INTERIOR



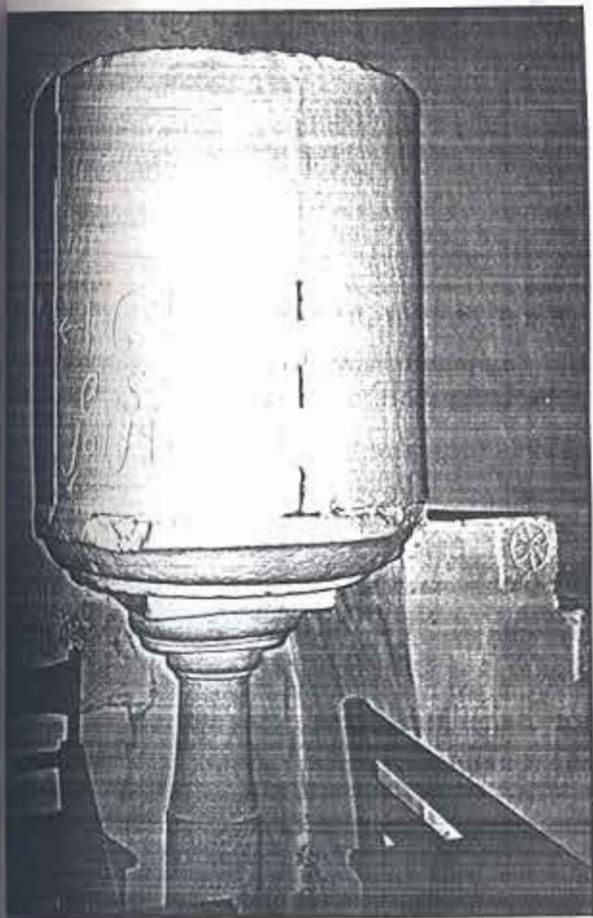
ALTAR-MOR



SANTO ANTÓNIO



SANTA LUZIA



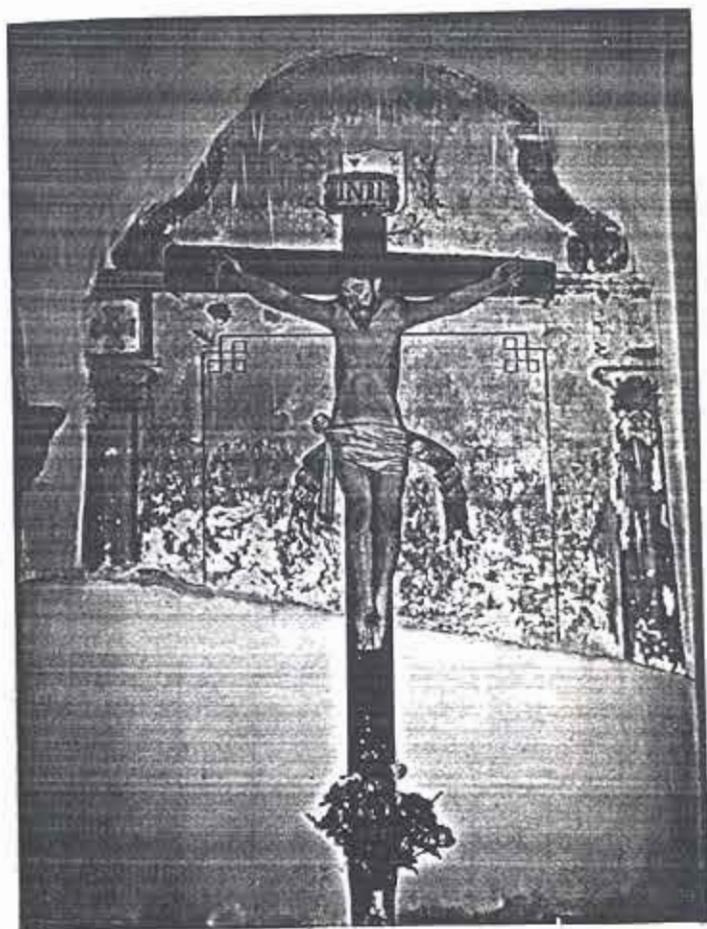
PÚLPITO



ALTAR-MOR



ALTAR COLATERAL ESQUERDO

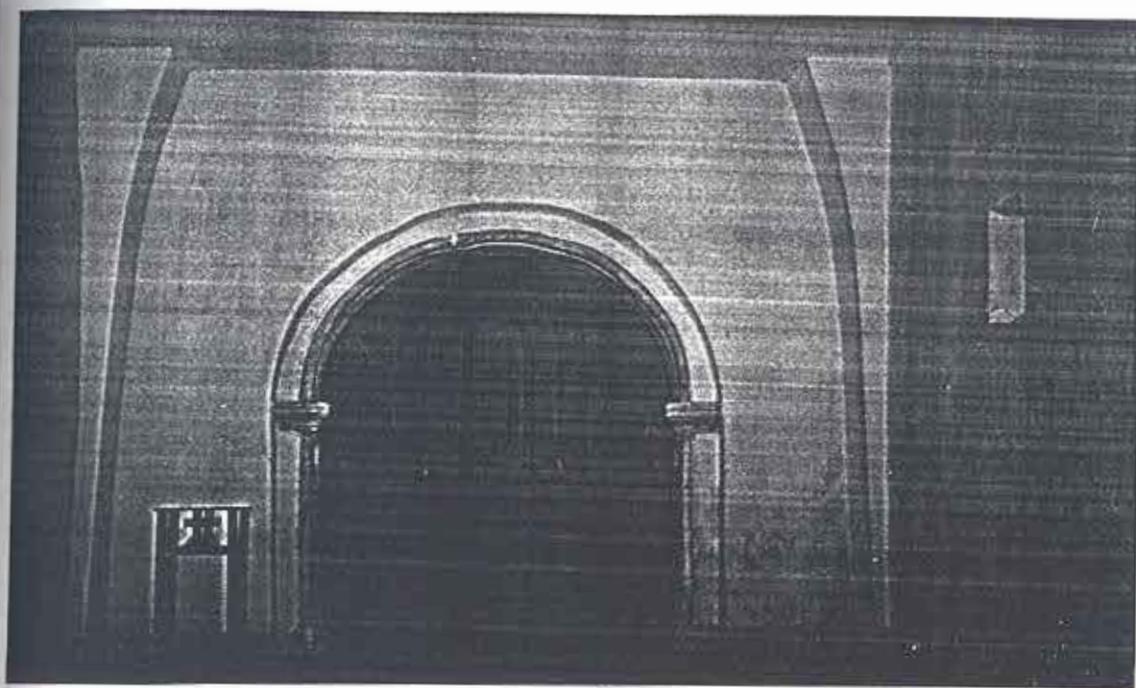


ALTAR COLATERAL DIREITO

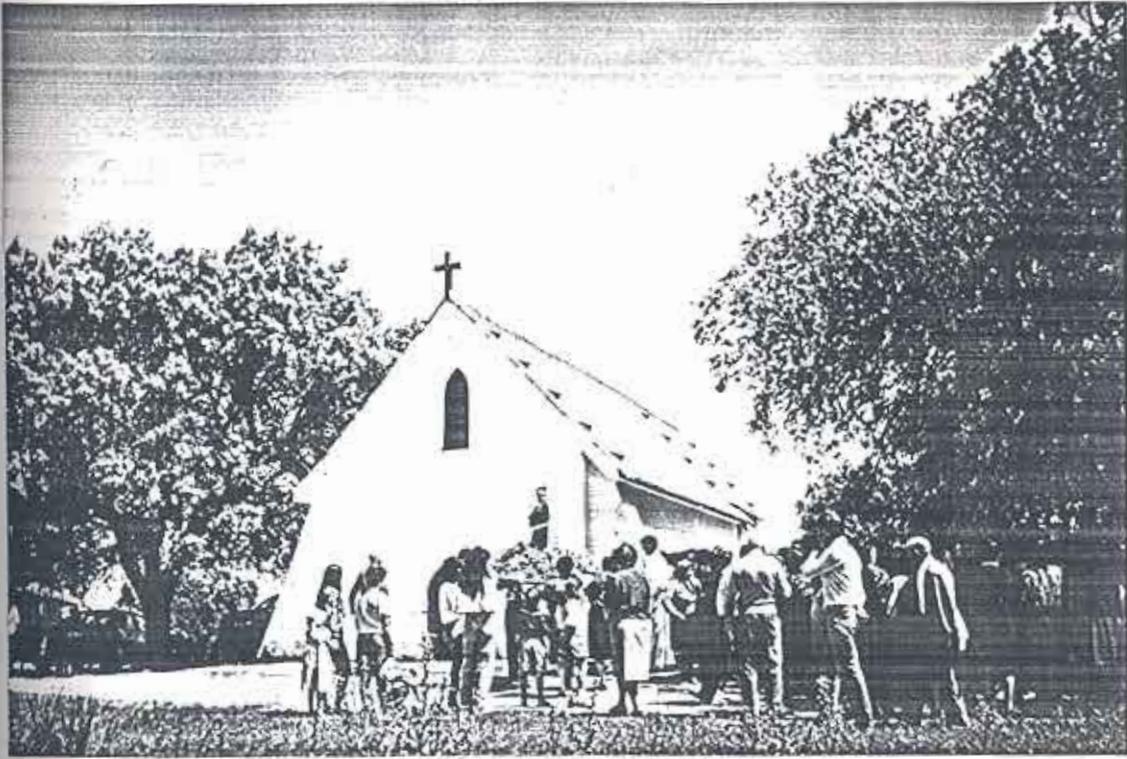
A 2 km de Arez , na estrada que segue para o Gavião encontra-se a Capela de Santo António. É um tipo característico e raro de capela rural alentejana dos fins do séc. XIV. Com uma curiosa forma triangular, é um edifício baixo, apoiado lateralmente em gigantes e com um pórtico de granito (caiado) de forma ogival, cujo arco está apoiado em empostas quadradas. O interior muito simples e despojado é dividido pelo arco do cruzeiro com empostas de granito pintado, assim como o altar. A actual cobertura da Capela data de um restauro recente. Todos os anos na Segunda-feira de Páscoa, realiza-se aqui a Romaria em honra de Santo António, da qual faz parte uma procissão seguida de um piquenique no campo que rodeia a Capela.



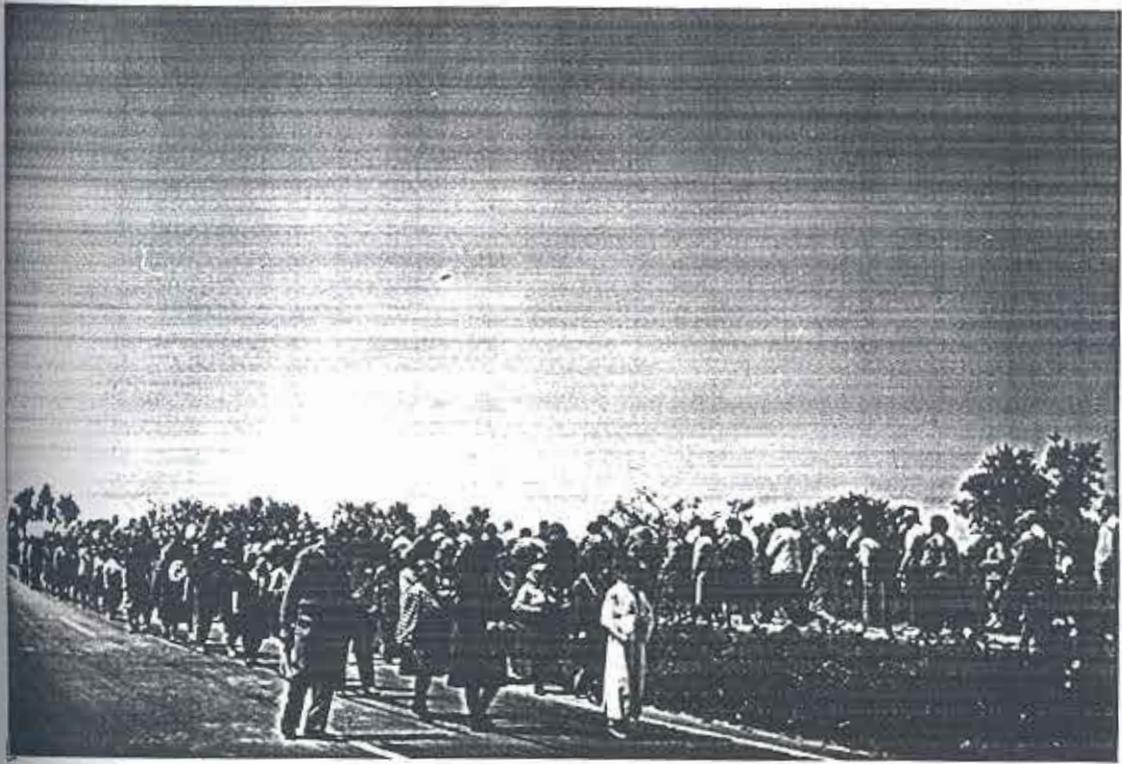
CAPELA DE SANTO ANTÓNIO



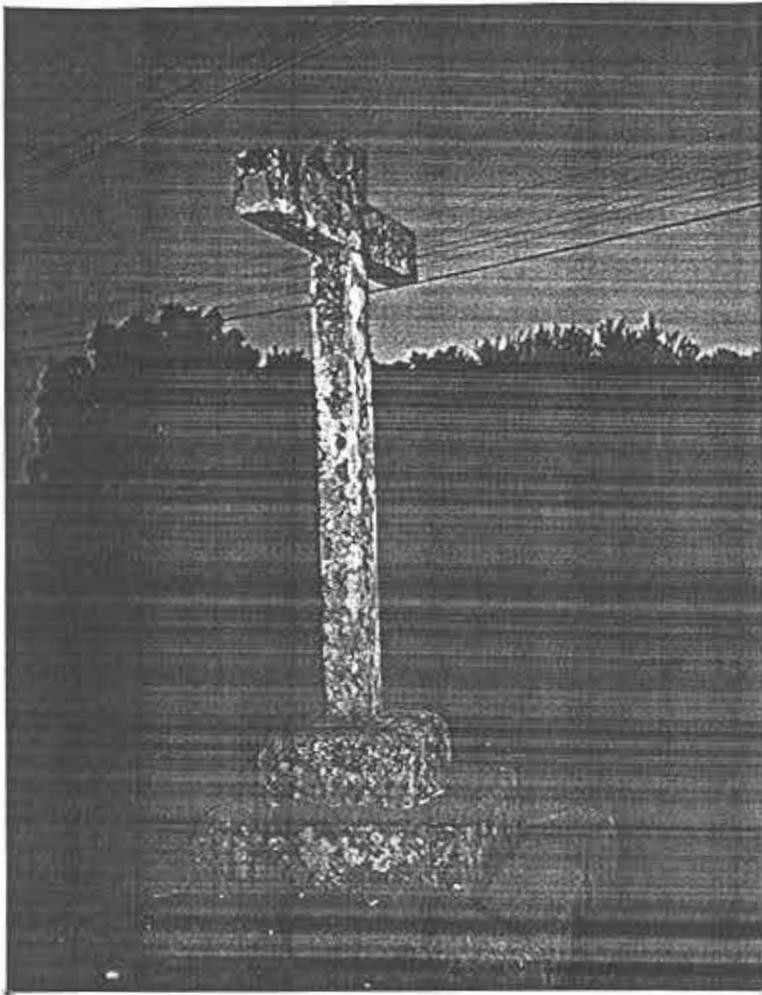
CAPELA DE SANTO ANTÓNIO - INTERIOR



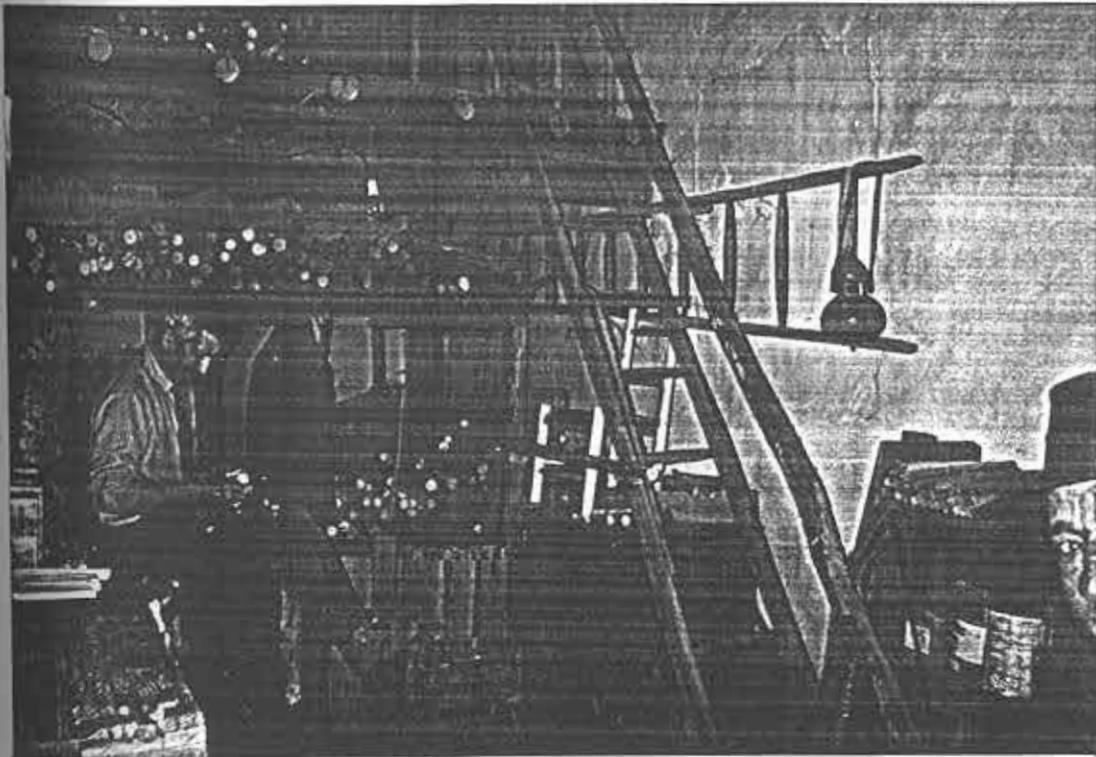
ROMARIA DE SANTO ANTÔNIO



PROCISSÃO DE SANTO ANTÔNIO



CRUZEIRO



FABRICO ARTESANAL DE CADEIRAS DE BUNHO

No termo de Avez, na direcção de Alpalhão, existe o famoso "Poço da Lança" que tem dado origem a variadas histórias lendárias e que o povo diz não ter fundo. É a galeria de uma antiquíssima mina, talvez do tempo dos Romanos, que constitui motivo de interesse de historiadores e geólogos. De um documento encontrado na Chancelaria de D. Afonso V, depreende-se a importância que esta mina teria a ponto de ali permanecerem quatro homens a guardá-la de dia e noite. De lá foram extraídas pedras de várias cores no tempo de D. João V. Num trabalho realizado sobre as produções naturais do país, das quais se poderia tirar utilidade, faz-se referência a "Cristais de Rocca" entre Alpalhão e Avez, no dito Poço da Lança, para a manufactura de vidro.

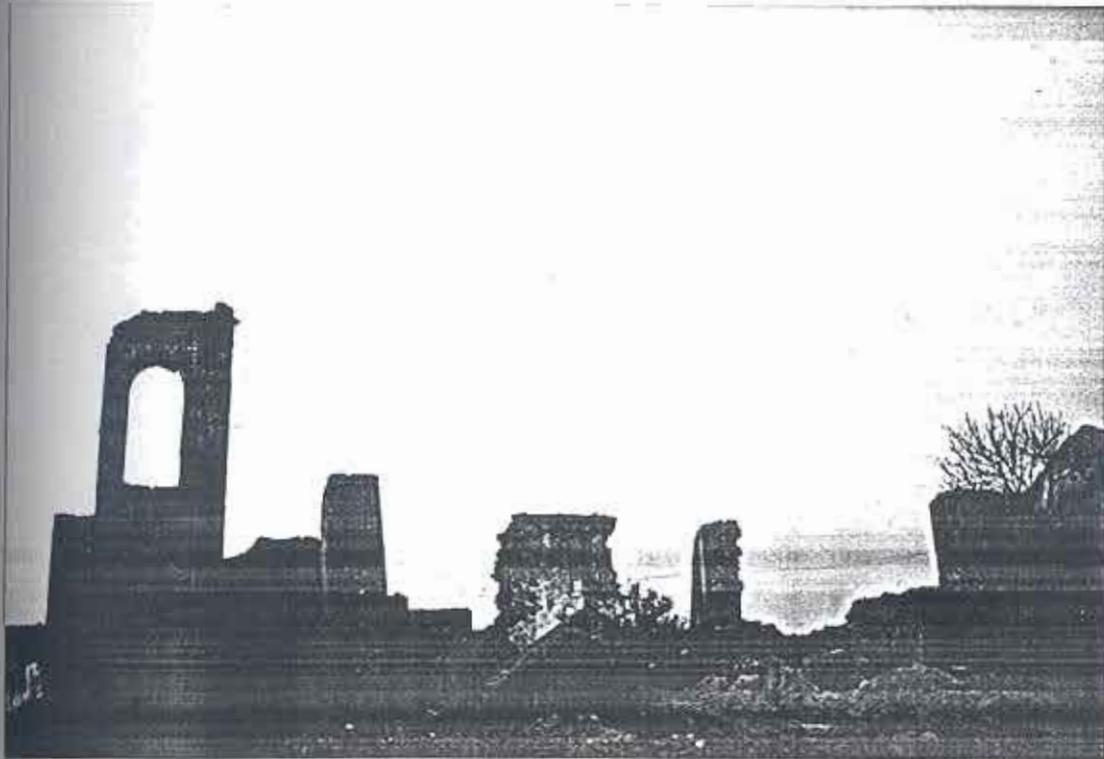
Há notícia, de um importante e histórico caminho, conhecido pela Estrada de Amieira, estrada mourisca por onde passou o corpo da Santa Isabel, princesa de Aragão e rainha de Portugal que ao falecer em Estremoz, em 4 de Julho de 1336, veio a ser sepultada no Mosteiro de Santa-Clara-a-Velha, em Coimbra. O troço vial da Amieira e de Vila Flor a Avez, é ainda hoje conhecido por Estrada da Rainha Santa. Também por esta estrada cavalgou o Santo Condestável D. Nuno Álvares Pereira, ao acompanhar o caixão mortuário de seu pai, D. Fr. Álvaro Gonçalves Pereira, em 1378, de Amieira, onde falecera, para Flor-da-Rosa, onde foi sepultado.

A antiquíssima via denominada Vereda da Sardinheira, pertencia ás duas Ordens Religiosas, Ordem de Malta e Ordem de Cristo, e era uma importante estrada militar. Lá está (ainda!...) entre Avez e Amieira, junto à estrada e num sítio conhecido por "Alto da Urra", um marco de granito, tendo gravadas as cruzes de Malta e de Cristo. Este, dividia os termos de Avez, Amieira e Vila Flor, assim como os territórios das respectivas Ordens.

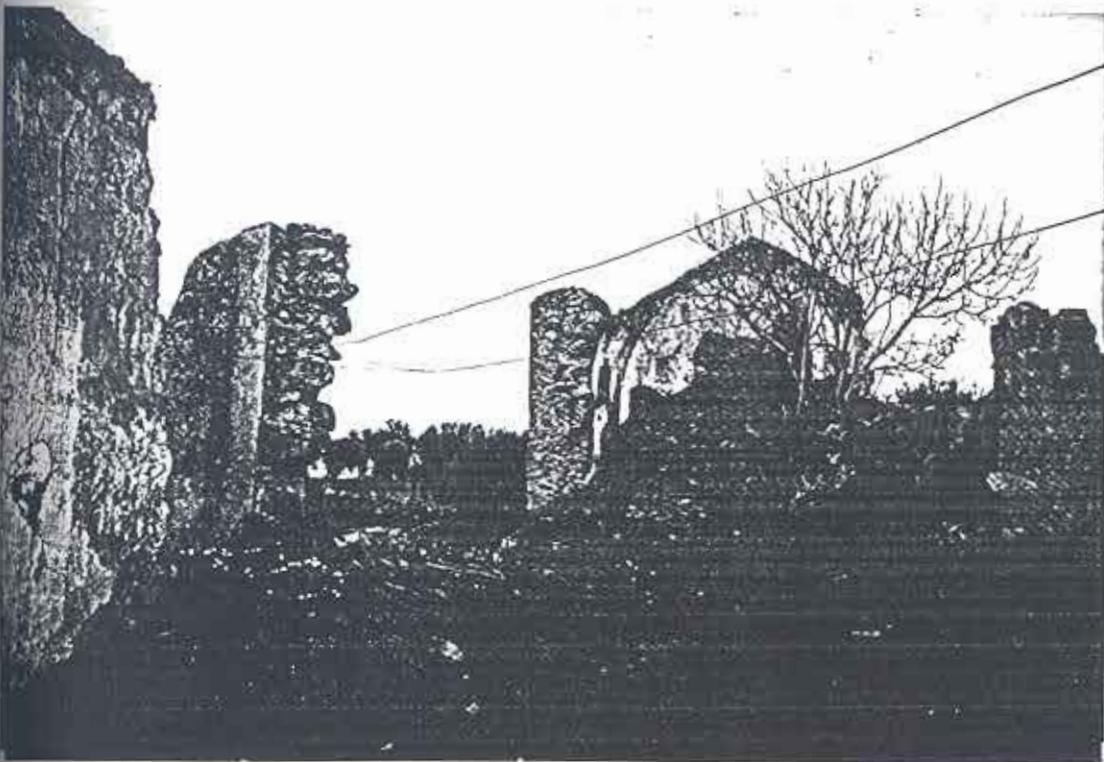


VILA FLOR

Pertencendo à freguesia de Amieira do Tejo, Vila Flor é um pequeno aglomerado rural que teve importância no passado. Mencionada em documentos históricos, esta povoação fez parte dos territórios da Ordem dos Templários. Vila Flor chegou a possuir um convento, do qual restam apenas algumas ruínas.

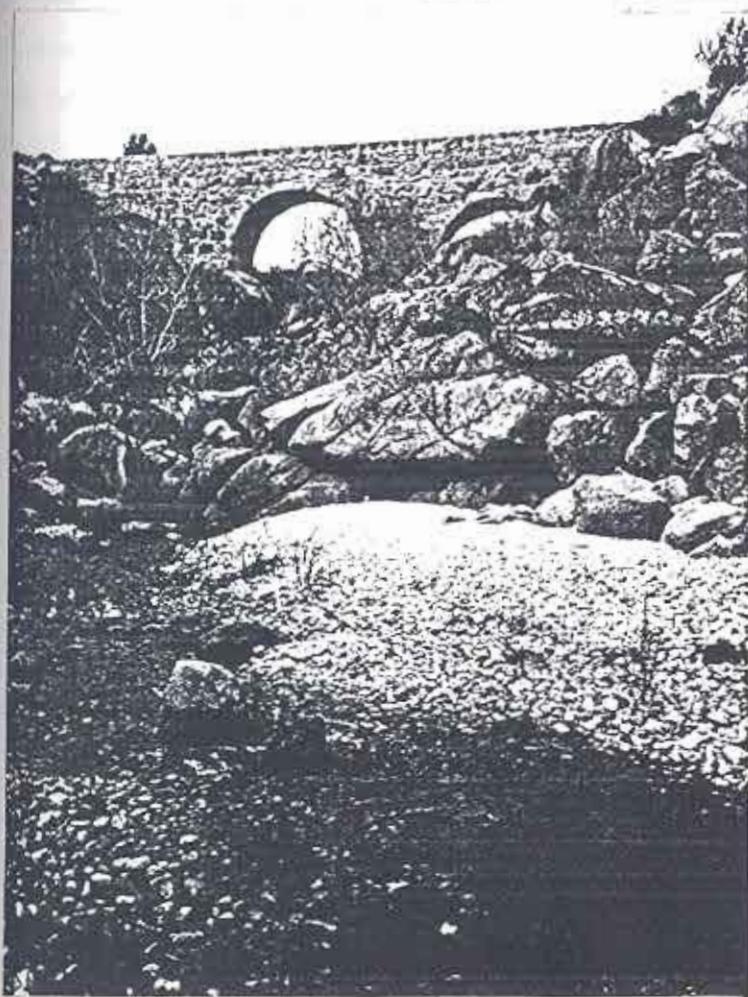
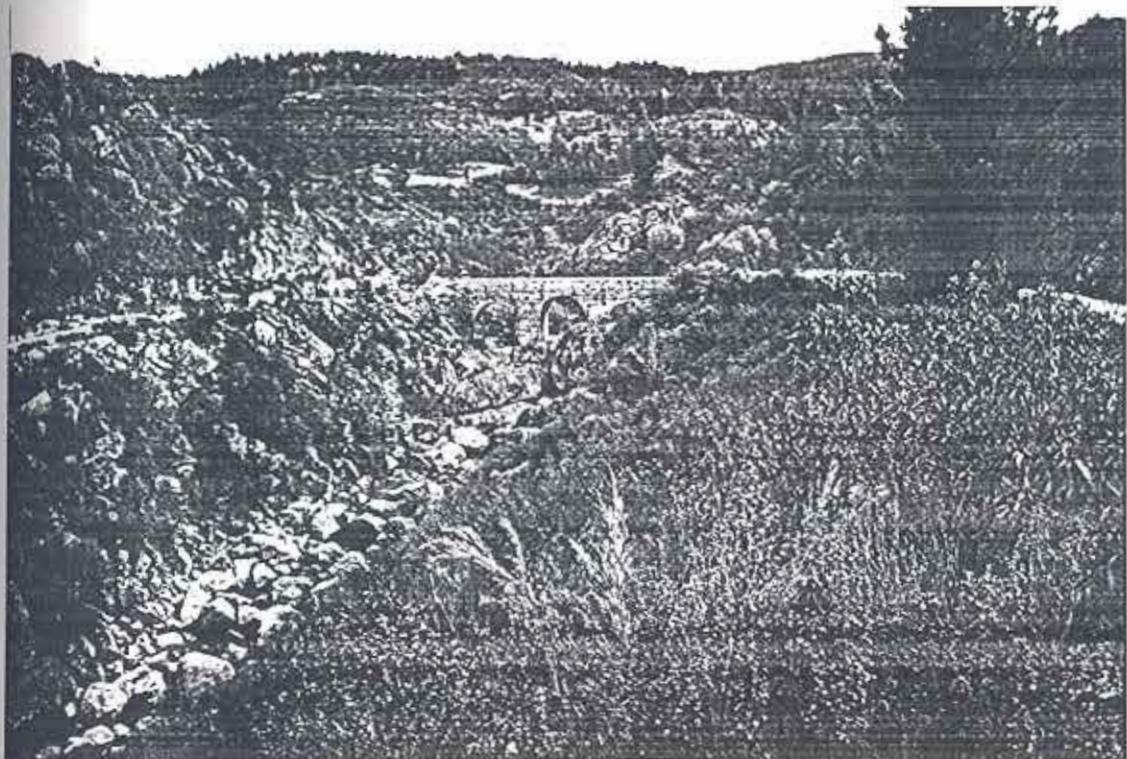


RUÍNAS - VILA FLOR



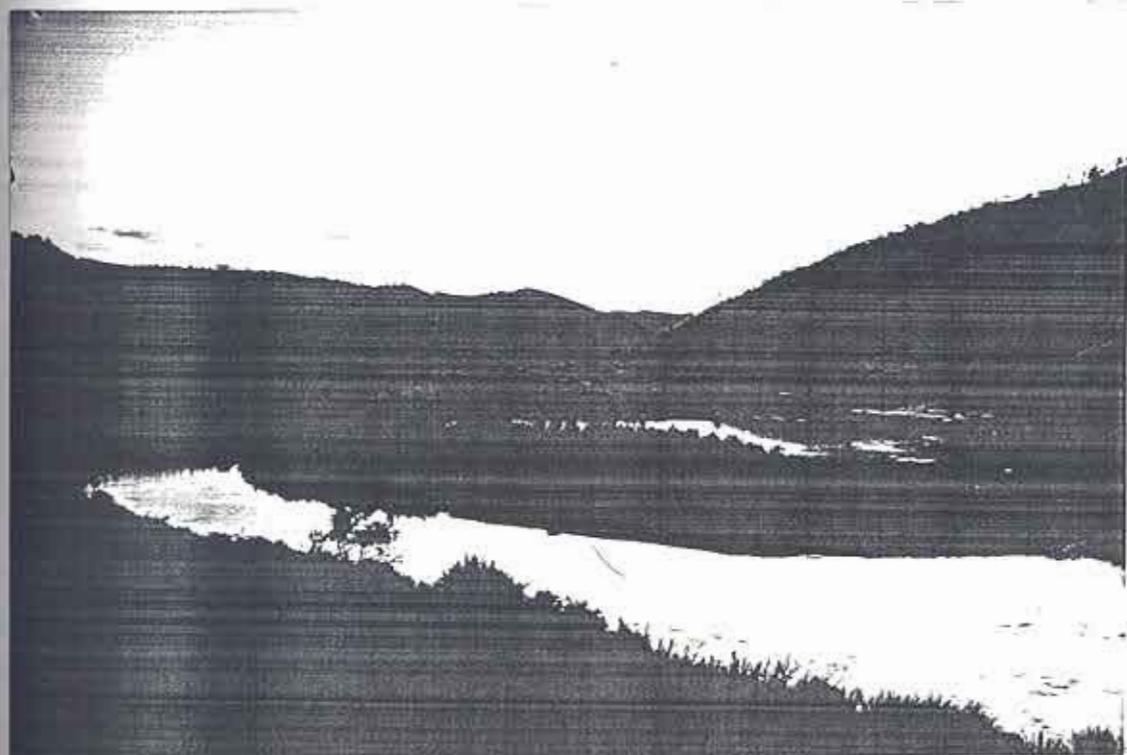
RUÍNAS - VILA FLOR

No caminho velho entre Vila Flor e Nisa, encontra-se uma Ponte Romana, recentemente restaurada, sendo ainda possível atravessá-la. É conhecida por Ponte de Albarrol ou de Vila Flor, por se situar perto de ambas. Atravessa a Ribeira do Figueiró, conhecida pelo seu saboroso peixe, donde o ditado: "o peixe do Figueiró, quem o apanha come-o só".



PONTE ROMANA
SOBRE A
RIBEIRA DO FIGUEIRÓ

AMIEIRA DO TEJO



RIO TEJO

A pouca distância do Rio Tejo, encontra-se uma antiquíssima e interessante povoação que no passado conquistou altas mercês. Parece que Amieira existia nos tempos da conquista da Lusitânia pelos Romanos, com o nome de Amaria, e, que por ali teria andado Viriato, o pastor dos Montes Hermínios, como se constata no poema heróico: Viriato Trágico - "...Chega a Cretina dita agora, Crato,

Rendoso pintado da Cruz Branca:
Acha ali sua gente Viriato
E a do contorno perto dele arranca.
Vem-lhe a de AMMARIA, que com grosso tracto
Era do Tejo então escala franca
Como inda agora praça mui guerreira;
Chama-se em nossos dias AMIEIRA"
(Brás Gareia de Vasconcelos, canto VII,
est. 17)



O topónimo de Amieira poderá derivar de Ameeira, pois o despovoado era tal que uma árvore apenas chegou para o denominar. Por decreto de 1957, a antiga freguesia de Amieira passou a designar-se por Amieira do Tejo para assim se distinguir de outras com o mesmo nome:

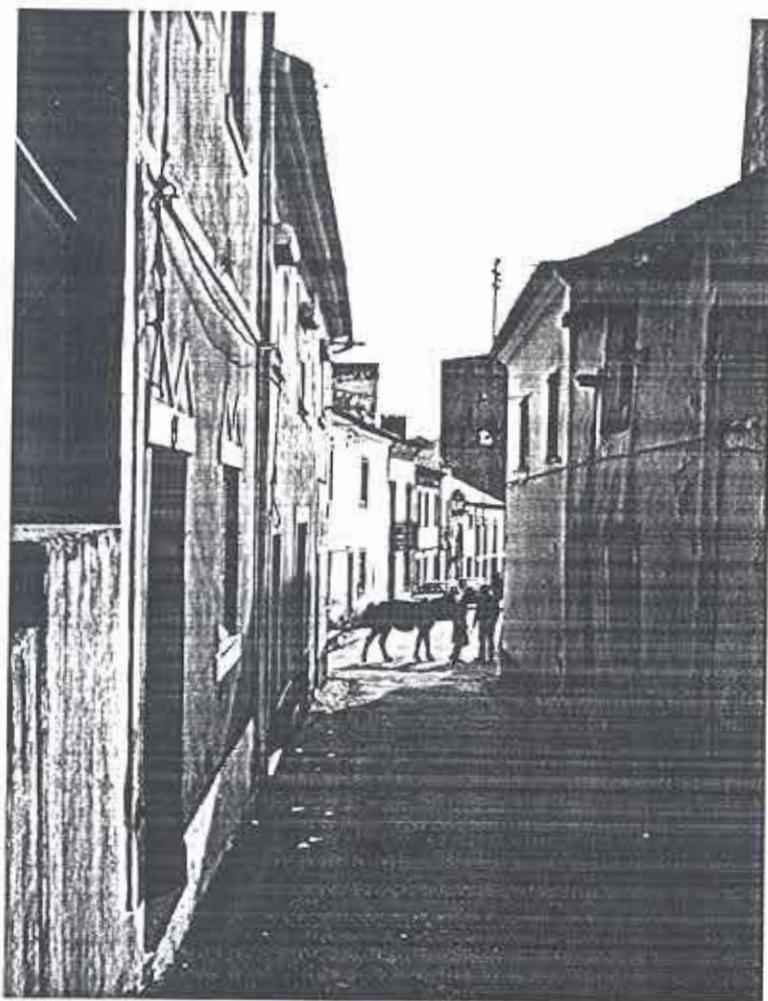
A origem da povoação remonta aos tempos pré-históricos, como é lícito afirmar-se pela tradição que ainda agora se mantém nas designações dadas a lugares onde seguramente existiram Antas ou Dólmenes. Na Do Gago e na Courela, denominada da Anta, há ainda um daqueles monumentos apenas com as três pedras verticais e sem a pedra de cobertura horizontal, parecendo que uma outra existiu no Monte das Figueiras. Outra houvera na Alferreira Pequena e ainda é igualmente de presumir que outra existiu no sítio denominado Pedra Erguida, como tal designação indica.

Que os Romanos andaram, também, por terras de Amieira não parece haver dúvidas, como provam as moedas que por ali foram encontradas. Na Do Gago foram encontradas moedas romanas de ouro e pedaços de chumbo, sendo uma das moedas do tempo do Imperador Honório (que subiu ao trono no ano de 395 e que morreu no ano de 423), que foi cunhada em Constantinopla. Foram ainda encontrados outros vestígios romanos.

Sabe-se que no início da Formação da Nacionalidade ou mesmo antes, a colonização e desenvolvimento sob todos os aspectos, da parte sul do Tejo, deveu-se à influência dos freires da Ordem dos Templários que possuíam além de outras comendas, as de Avis, Nisa, Montalvão, Alpalhão e Vila Flor. De forma que, possivelmente, Amieira se lhes não pertenceu deve ter sentido, e muito, a acção reflectida da sua influência. Em 1232 D. Sancho II doou para nova sede da Ordem do Hospital ou de Malta, uma grande extensão de território onde veio a ser edificada a povoação do Crato, que se tornou centro e comenda principal da Ordem. Dentro das que viriam a constituir em parte o Priorado do Crato ficaria de certo Amieira, considerada uma das mais importantes, pelo seu valor próprio, estratégico e guerreiro que mais tarde lhe valeu um castelo.



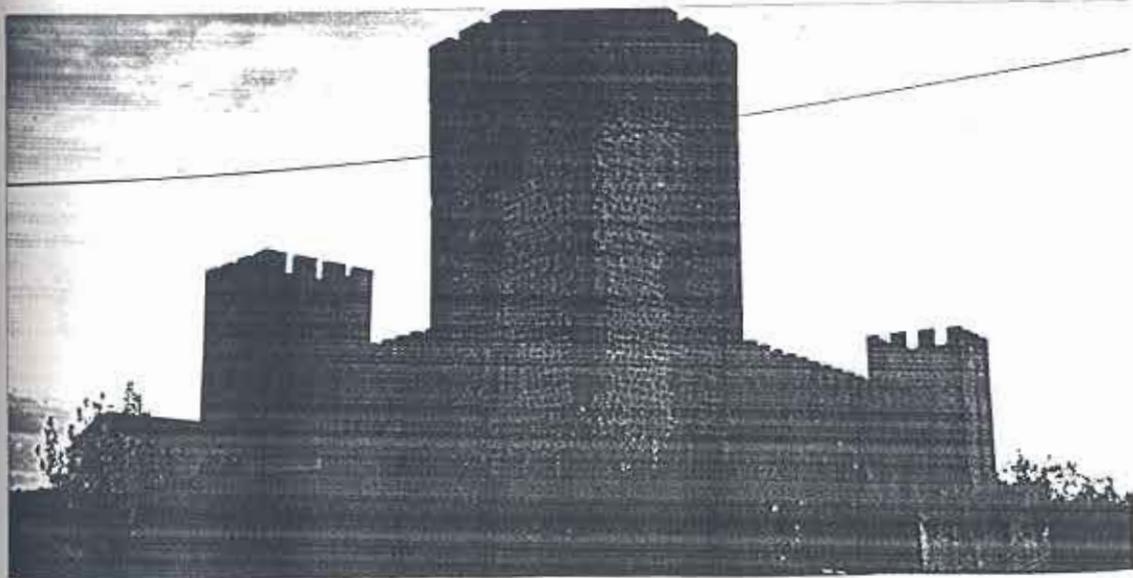
D. Álvaro Gonçalves Pereira parece ter sido o primeiro Prior do Crato que acompanhou, já como tal, D. Afonso IV na Batalha do Salado, em 1340. Com a sua fixação no castelo de Flor da Rosa, em 1356, por ele construído, todas as terras que lhe mereceram especial atenção. Como tinha predileção por Amieira, talvez por motivos estratégicos, nela mandou edificar o magestoso castelo cuja imponência é ainda agora de admirar. Nele passou temporadas largas e aqui veio a morrer já velho em 1382. Ao seu castelo, Amieira deveu depois uma parte importante da sua vida na História. Deve ser do tempo de D. Álvaro que a vila mais se alargou com a fixação duradoura das gentes que se ocupavam da guarnição do castelo. O número de casas aumentou e abriram-se ruas. A conquista de terrenos para a agricultura e criação de gado também se alargou. Devido à sua importância Amieira recebeu Foral Manuelino em 1512.



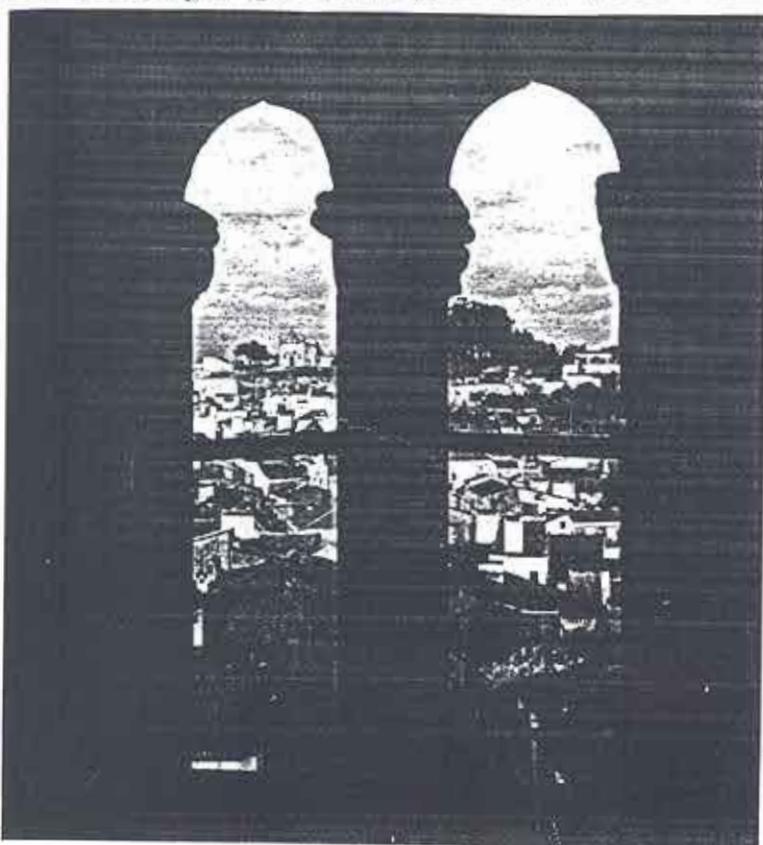
RUA TÍPICA

Após a Restauração da Independência Portuguesa, parece que Amieira viria a ser incomodada de novo pelos antigos dominadores do país, no largo período de lutas que se seguiram.

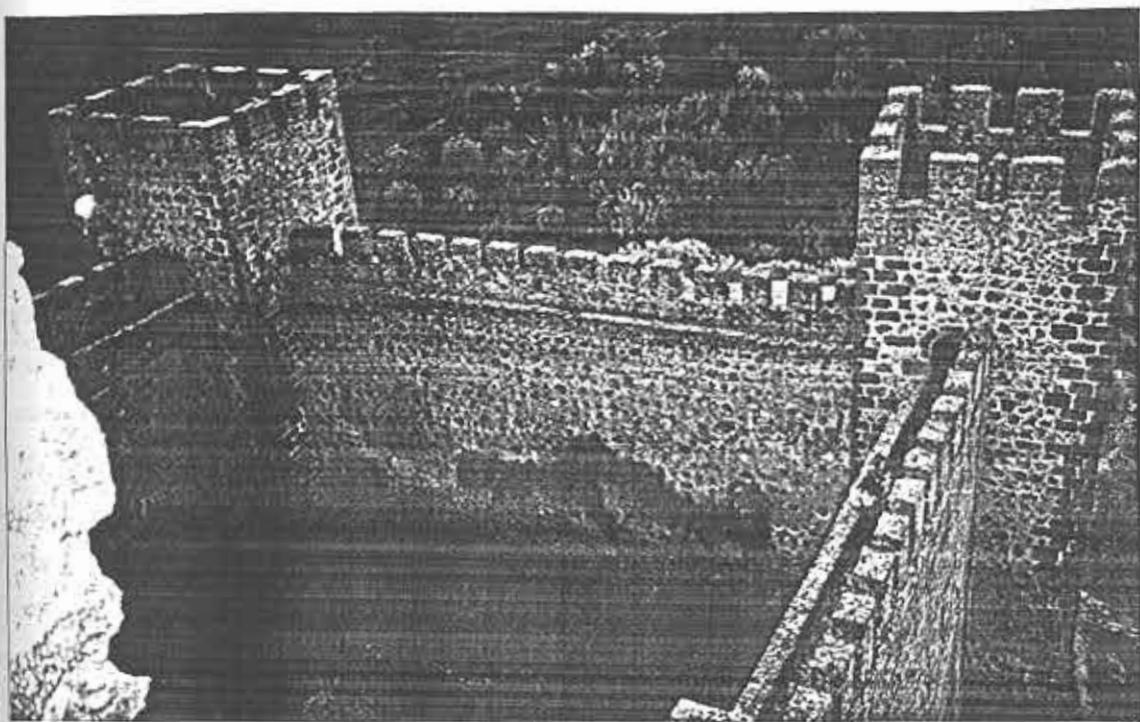
Os amieirenses são conhecidos dentro da actividade agrícola, pela produção de um bom azeite. Abundam na região todos os cereais, sendo os seus habitantes conhecidos por Bagaceiros. Digno de referência é o fabrico da telha mourisca.



O Castelo de Amieira integra-se na extensa linha de fortalezas e atalais que defendiam as margens do Tejo, caminho natural de invasão, pois o Rio Tejo corre a menos de 3 km da povoação e o Rio Sever, que traça a fronteira, encontra-se relativamente perto. Apesar de Amieira se situar numa encosta pouco acentuada, o seu castelo encontra-se edificado num aplanado terreiro a poucos passos do casario, o que facilitava o refúgio da população em situações de perigo. Álvaro Gonçalves Pereira, pai do Condestável D. Nuno Álvares Pereira, mandou construir o castelo em 1350, segundo as mais evoluídas noções de arquitetura militar, adquiridas em Rodes e por todo o Mediterrâneo. A sua concepção arquitectónica revela notável sentido prático orientado unicamente para a eficácia da sua função castrense e à protecção que devia prestar às gentes vizinhas.



VISTA DO CASTELO
SOBRE AMIEIRA DO
TEJO



De aspecto sóbrio e robusto é uma construção sólida e poderosa toda em granito, de planta rectangular flanqueada por quatro torres quadradas, em cujo o ângulo norte se levanta a torre de menagem, residência do Alcaide. Com janelas góticas simples ou geminadas e 25 m de altura, dela tem-se um vasto panorama. O povo conserva os nomes antigos das torres, a de S. João é contígua à capela, a dos Pan-

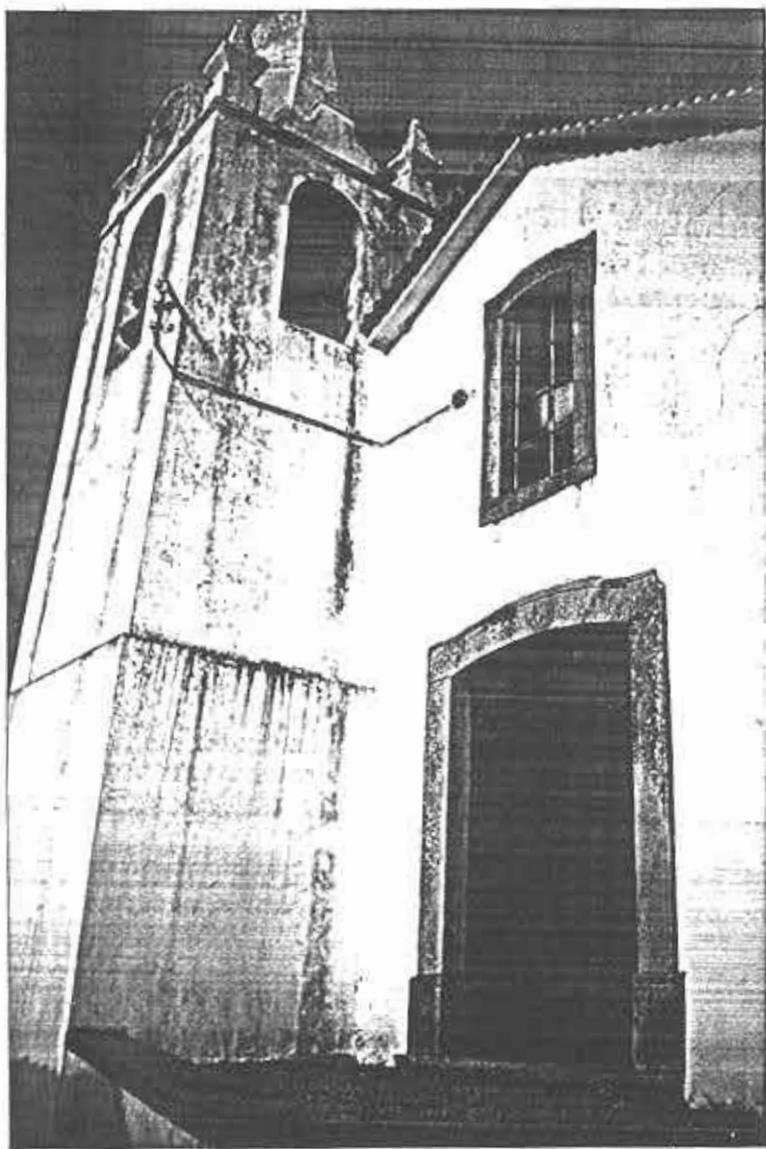


CAPELA DE S. JOÃO BAPTISTA

deirinhos no ângulo SW, que tem dois quadrados brancos com arabescos avermelhados que lembram os adufes tradicionais; a do Sanguinho no ângulo NW, pelas plantas desse nome que brotavam no pedregoso chão à sua volta. A meio da praça de armas a grande cisterna garantia o abastecimento de água. Adossada à torre de S. João, a Capela de S. João Baptista, exterior à muralha, foi construída dois séculos depois, provavelmente por D. António Prior do Crato - 1566 - infortunado pretendente ao trono português. No seu interior a abóboda apainelada é decorada com esgrafitos e uma escultura quinhentista no altar representando o padroeiro da Ordem do Hospital - S. João.

Na Guerra da Sucessão no séc. XIV, o Castelo de Amieira contava entre um dos apoiantes ao Mestre de Avis - D. João I. Outra crise nacional envolveu o castelo em 1440 - a questão da regência na menoridade de D. Afonso V, exercida por sua mãe D. Leonor, mulher de D. João II.

Quanto à Igreja Matriz que se eleva no centro da povoação nenhuma data ou inscrição assinala a sua construção, cuja invocação é do Apóstolo Santiago Maior. Mas ela já existia em 1615 aquando da inspecção ás igrejas e vilas do Priorado do Crato com invocação de Santiago. A configuração actual da Igreja é de uma só nave visto lhe terem sido retiradas as colunas que a dividiam em três naves. Dos seis altares existentes no séc. XVII restam três - o altar-mor de talha dourada, o da Nossa Senhora do Rosário e o de Nossa Senhora da Assunção. No altar-mor destaca-se a Custódia de puro estilo manuelino em prata dourada, com baixos relevos onde se acentua já o Renascimento do séc. XVI. Tem gravada no fecho do ostiário a data de 1544, ignorando-se como e quando foi adquirida para esta Igreja. Além da custódia a Igreja possui dois cálices de prata dourada.

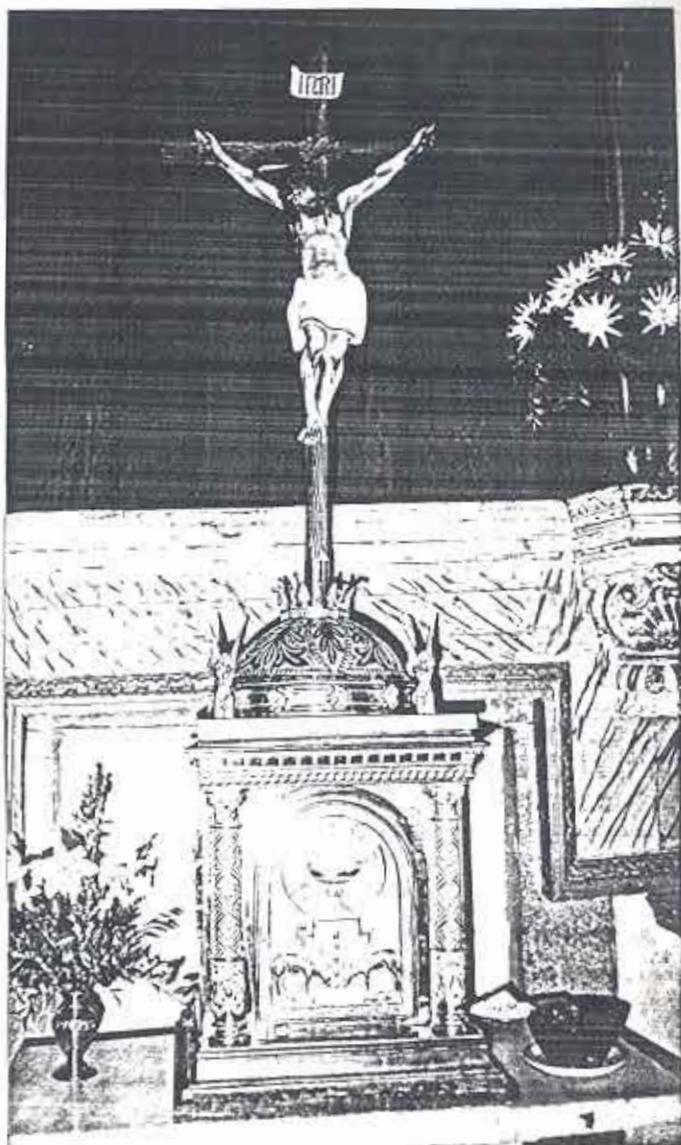


IGREJA MATRIZ





ALTAR-MOR - IGREJA MATRIZ



CUSTÓDIA DO ALTAR-MOR - IGREJA MATRIZ

A Ermida de Nossa Senhora da Sanguinheira, na Rua da Sanguinheira, é talvez a mais antiga de Amieira. Consagrada nos seus primitivos tempos a Lucina, Deusa pagã invocada pelas mulheres em dificuldade de parto. A Capela-mor e a Igreja foram anteriormente revestidas de azulejos dos quais restam ainda alguns que cobrem a frente do altar-mor. Desta Ermida desapareceu um sino levado pelos Castelhanos em 1642. Além da Procissão da Nossa Senhora da Sanguinheira, havia todos os anos mais duas que visitavam a sua capela, uma no Domingo do Espírito Santo e outra na Quinta-feira do Corpo de Deus. Eram para estas três procissões que se destinavam os 60 Círios a que se refere a concessão de D. João IV quando cedeu à Misericórdia os bens da capela, dos quais constavam muitas propriedades. Esta capela tem merecido ao longo do tempo cuidados de conservação especiais. Aqui foram aplicadas grades que pretendiam a uma igreja de Vila Flor. Ao ser consertada a tribuna do altar-mor notou-se que na parede existia um nicho onde um letreiro dizia ter sido aquela capela mandada fazer ou reedificar por Manoel Moreno Barba (espanhol) em 1640, vendo-se em volta do nicho uma pintura represen-

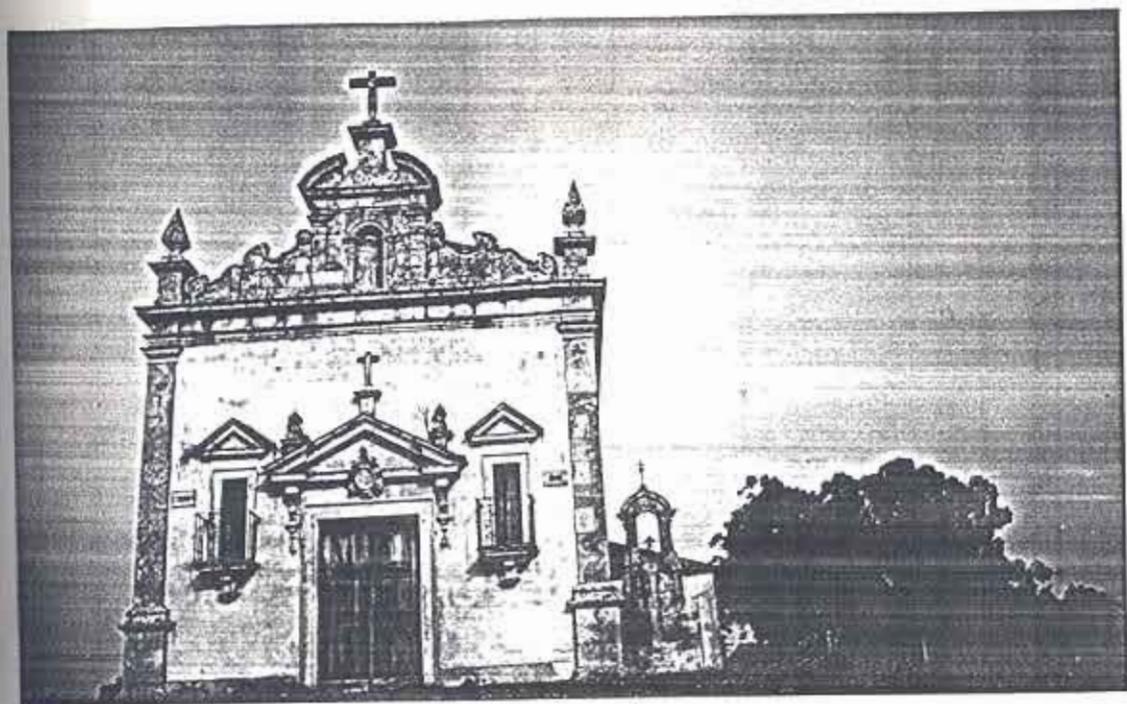
tando a Anunciação. A primeira invocação da Senhora seria a de Santa Maria, por ventura seria ali a primitiva Igreja Paroquial. Segundo a tradição local, só após uma grande epidemia cujos principais sintomas, eram abundantes ~~em~~ diarreias de sangue, que cessou por intercepção da Santa. Sendo assim atribuído à Senhora o título de "da Sanguinheira". Nos tempos do fundador do castelo, a Padroeira de Amieira seria assim, talvez, Santa Maria. A festa em honra da Nossa Senhora da Sanguinheira realiza-se no segundo Domingo de Setembro.



ERMIDA DE
NOSSA SENHORA DA
SANGUINHEIRA

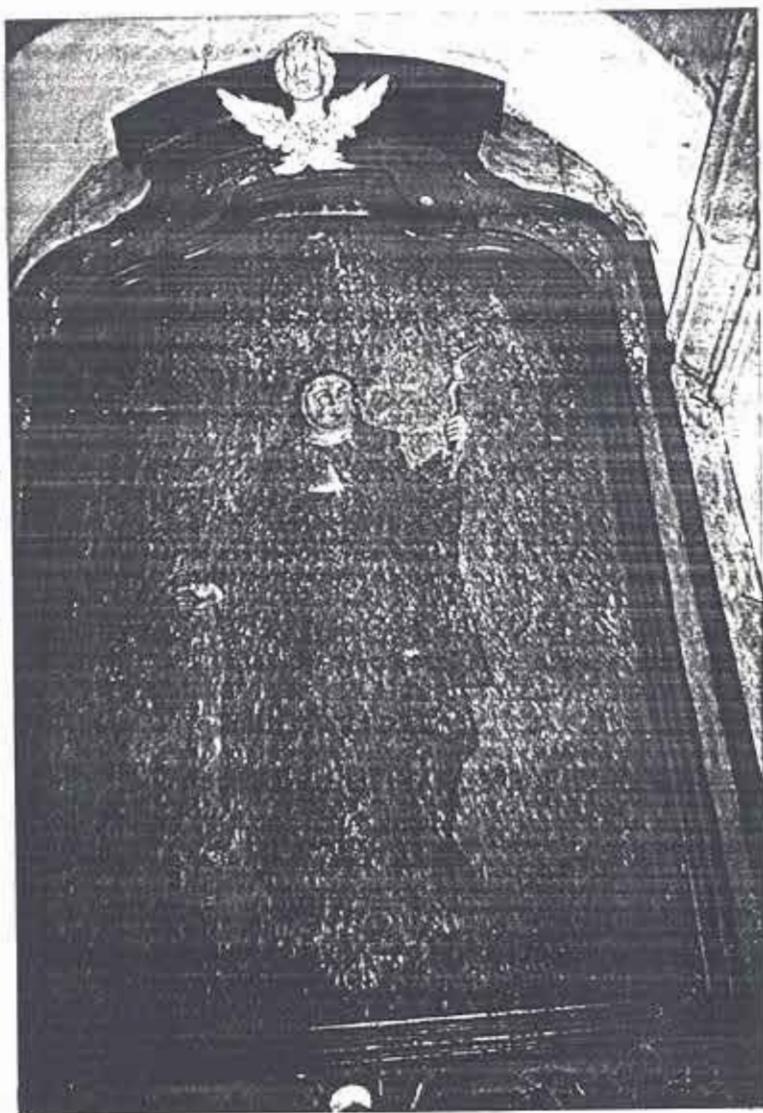


ALTAR-MOR



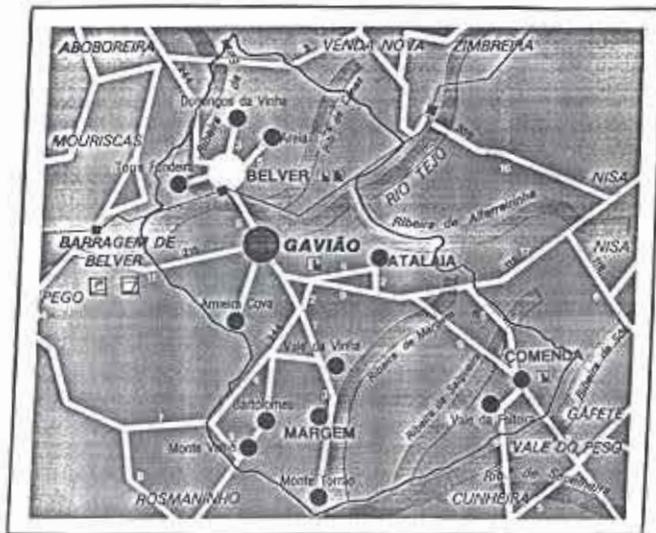
CAPELA DO CALVÁRIO

A Capela do Calvário que se encontra no ponto mais alto da povoação, em estilo barroco, data do séc. XVIII, pois há notícia da sua existência antes de 1728. De granito e de planta centralizada é ampla e bem situada, sendo no seu género a melhor que se conhece. No seu interior conservam-se dois retábulos de valor, em mau estado de conservação. Actualmente só é utilizada na Procissão do Senhor dos Passos que se realiza 15 dias antes da Páscoa.



RETÁBULO

O CONCELHO DE GAVIÃO



PROVÍNCIA - Alto Alentejo

DISTRITO - Portalegre

DIOCESE - Portalegre

ORIGEM - Nossa Senhora da Assunção

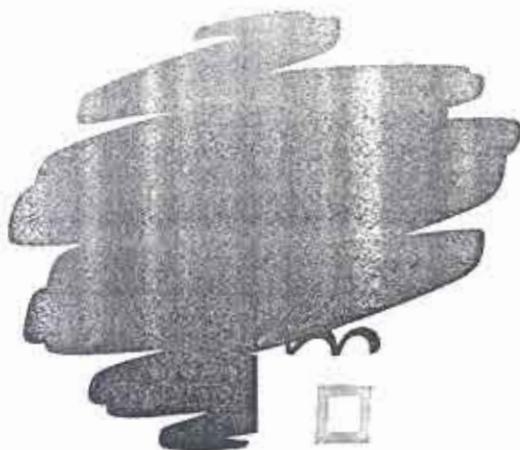
ÁREA APROXIMADA - 295 km

Nº DE HABITANTES - 6850

FERIADO - 23 de Novembro

Nº DE FREGUESIAS - 5

LOCOM DAS FREGUESIAS - Atalaia, Belver, Cadafaz, Comenda e Margem.



região de turismo de s. mamede
alto alentejo

portugal

VILA DO GAVIÃO



Gavião é sede de Concelho e já foi Comarca mas presentemente pertence à Comarca de Nisa. A Vila dista 56 km de Portalegre e está situada no alto de um monte com vastos horizontes, perto da margem esquerda do Rio Tejo, a 275 m de altitude.

É uma povoação antiquíssima, sustentando alguns autores que foi Frajinum ou Fraxinum dos Romanos. O topónimo representa o nome comum de uma conhecida ave de rapina.

Era uma das doze vilas do Grão Priorado do Crato. Em 1519 recebeu foral de D. Manuel I.

Num ambiente tranquilo de casas simples encontram-se espalhados, por aqui e por ali, ofícios de outros tempos, cantarias desenhadas e saliências brasonadas.

No Concelho domina a actividade agrícola, com destaque para a produção de cereais, azeite, cortiça e vinho bem como a criação de gado bovino. Entre as actividades tradicionais encontram-se a tecelagem, a latoaria, os trabalhos em cortiça, as rendas e os bordados.

Na gastronomia regional abundam as riquezas do Tejo, como a lampreia, a carpa, a boga e a enguia, entre outros. O cabrito, o borrego e o porco são gostosamente confeccionados, assim como a lebre em zonas de caça. Um outro apetecido prato tradicional são as migas de feijão com couve, acompanhadas pelos bons vinhos da região.



No que diz respeito a monumentos de interesse concelhio, Gavião apresenta os seguintes locais:

O Largo do Município, é uma agradável e tranquila praça rodeada de laranjeiras bravas (árvore de fruto que abunda na região). Aqui parece reinar a harmonia não só

de formas mas também de cores, pois repare-se no Coreto (ao centro), na Igreja

Matriz (num dos lados da praça) e na casa apalaçada (do lado contrário à Igreja): o verde da cobertura do Coreto combina com as folhas das laranjeiras e com os arranjos do largo ajardinado; o amarelo das faixas pintadas na Igreja e no Coreto, combinam com a cor das laranjas e o branco que predomina nas três construções, característica regional, combina com o mármore dos bancos que circundam o centro do largo.



LARGO DO MUNÍCIOPIO

A Igreja Matriz de pequenas dimensões, de arquitectura simples e de uma só torre sineira é caracteristicamente alentejana. O interior é de uma nave com tecto de madeira, dois altares laterais e uma Pia Baptismal de mármore com a Cruz de Malta.



IGREJA MATRIZ



Meis adiante na Praça do Pelourinho, encontra-se ainda o Pelourinho Manuelino, sinal da lei e da justiça do passado.

Ao fundo vê-se a Capela do Espírito Santo, que data do séc. XVI, é hoje Património da Misericórdia. O seu interior alberga uma imagem de um Santo em estilo gótico.

PELOURINHO MANUELINO



CASA DA RUA ANSELMO PATRÍCIO



CAPELA DA MISERICÓRDIA - SÉC. XVII

Na Alameda 25 de Abril (na saída para Belver) numa ampla praça, encontra-se um alto Cruzeiro com a seguinte inscrição: "Lusitania vivit christus reat"

MDXL - MDCXL

MCMXL



CRUZEIRO

BELVER



Freguesia do Concelho de Gavião do qual dista 6 km.

O nome de Belver provém nitidamente do Repovoamento Nacional imposto por D. Sancho I, ao local onde ele desejou que se levantasse castelo e vila sob defesa deste. Devido à sua bela posição e esplendoroso panorama, D. Sancho deve ter ficado encantado e ao sítio deu o nome de Belver, isto é, Belo de Ver.

No tempo dos Romanos foram exploradas minas de ouro e outros metais na freguesia de Belver, delas existem vários registos.

A preocupação de D. Sancho I no aspecto militar, foi a de consolidar o Território Cristão ao longo da linha do Tejo, dando-lhe possibilidades de defesa e por isso mesmo, promovendo o seu povoamento progressivo, cabendo à zona hoje ocupada por Belver um papel essencial na defesa do referido eixo. Tal tarefa é atribuída pelo rei à Ordem Militar do Hospital, por Carta de Doação de 1194 onde expressamente se obriga a construção do Castelo de Belver. A zona doada chamada de "Guindintesta" estendia-se pelas duas margens do Tejo.

"Vobis clomno Alfonso Pelagii Priori Hospitalis... Terra que vocatur Guidintesta, in qua concedimus vobis ut faciatis castellum cui imponimus nomen Belver." (Carta de Sancho I, 13/06/1194)

Belver recebeu no séc. XVI foral novo por D. Manuel I, em 1518.



O Castelo de Belver, Monumento Nacional, do séc. XII/XIV foi construído no cimo de um morro sobranceiro à povoação. Iniciado logo a seguir à doação do rei a Afonso Pais, Prior da Ordem dos Hospitalários, o castelo estaria concluído em 1212, passando a funcionar como sede daquela Ordem, substituindo assim a anterior sede situada no Mosteiro de Leça do Bailio. Aqui teria funcionado como casa mãe dos Hospitalários durante praticamente um século, até que em 1350 a sede muda para o Crato, por determinação de D. Álvaro Gonçalves Pereira que era então o Prior daquela Ordem. Em 1390, D. Nuno Álvares Pereira chefe militar do rei D. João I, encarregou-se da ampliação e melhoramento do castelo, sendo a traça destas obras aquela que permaneceu até aos nossos dias, actualmente restaurado. Fortalecido e melhorado o seu sistema defensivo foi útil nas guerras com Castela após a Crise de 1383/85 na salvaguarda da Independência Nacional.

Este castelo foi palco no séc. XV de disputas relacionadas com a política interna, como é o caso do confronto entre D. Afonso V e o Regente D. Pedro. No séc. XVI, terá tomado parte na resistência à ocupação filipina ao lado de D. António Prior do Crato. Crê-se ter morado aqui algum tempo a Princesa Sta Joana e também Luís de Camões, este por questões judiciais.



No alto de um morro vigiando o povoado e o rio é de planta circular, conservando as altas muralhas, as seteiras medievais e as portas góticas além da torre de menagem. A fortificação revela o conhecimento da mais avançada arquitetura militar de então, na posse dos Hospitalários. A Porta do Castelo, flanqueada por dois torreões de desigual volume é atingida por um escalonado e estreito caminho de acesso que termina em cotovelo, dificultando a manobra dos atacantes

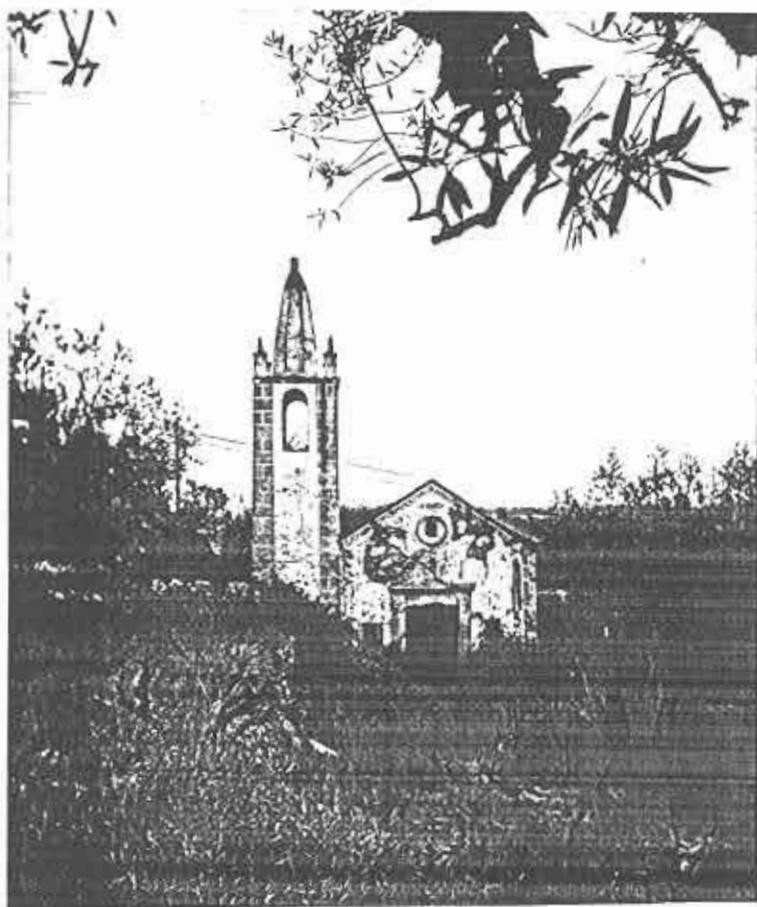
que só podiam subir senão em fila e sem possibilidades de aglomeração, o que lhes tirava potência ao assalto directo, tornando-os vítimas de uma implacável defesa. Sobre o arco da porta está uma pedra lisa à qual o povo dá o nome de a "gaveta", "pois diz ter sido sinal antiquíssimo para uns que aqui vieram buscar valioso tesouro...". No terreiro interior elevam-se arcos restaurados e restos de paredes da antiga Alcáçova e abrem-se bocas de cantaria da grande cisterna. Ao centro da Praça de Armas impõe-se a alta torre de menagem de grossas paredes. Os salões dos pavimentos superiores são agora bem utilizados para fins culturais. E no inferior, escavada na rocha aprofunda-se uma cisterna a níveis desconhecidos que no dizer do povo, se se lançar uma laranja no infundável poço ela aparecerá depois a boiar no Tejo.

No lado norte ergue-se a Capela de S. Brás, também ela considerada Monumento Nacional, é uma obra tardio-renascença dos fins do séc. XVI. Recebeu durante séculos concorridas Romarias quatro vezes por ano. Ao fundo do altar conserva-se um magnífico retábulo quinhentista talhado em madeira de castanho, oferecido à Capela pelo Grão Mestre Hospitalário e Infante D. Luis, filho de D. Manuel I. Conta-se a propósito desta oferta que o Infante D. Luis, ou um desconhecido cavaleiro da



Ordem, levou as relíquias trazidas da Terra Santa pelos freires cavaleiros para Lisboa sem conseguir desembarcá-las ali, pois apareceram num barco iluminado envolvido em música celestial subindo o Tejo até Belver. Aqui em procissão, o povo e o seu pároco levaram as relíquias do misterioso barco à Igreja Matriz. E por isso penitenciando-se o Infante ofereceu o retábulo renascentista à Capela.



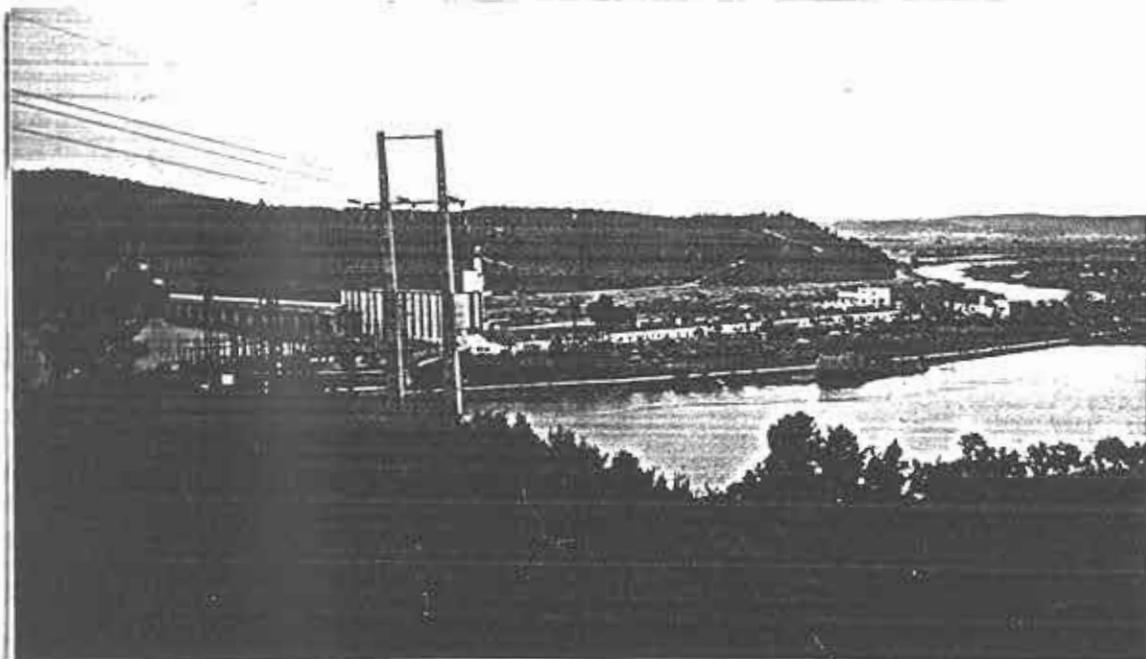


ERMIDA DA SENHORA
DO PILAR

A Ermita da Senhora do Pilar é um Monumento de Interesse Concelhio que se encontra em ruínas.

Ainda na zona de Belver é possível ver-se a Anta do Penedo Gordo - Monumento Pré-histórico de Interesse Concelhio.

A 6 km de Belver encontra-se a Barragem do mesmo nome que foi a primeira a ser construída no Rio Tejo. Oferece condições propícias para a pesca, windsurf, vela e outros desportos náuticos.



BARRAGEM DE BELVER

COMENDA

Comenda é uma freguesia do Concelho de Gavião que foi comenda do Grão Priorado do Crato. A 15 km de Gavião, rodeada por pastos exuberantes de verde do vale da Ribeira de Sôr, surpreende com recantos de singular beleza como o Parque das Merendas. Neste Parque pode ver-se sobre a Ribeira da Venda, o que resta de uma velha Ponte Romana.

Comenda é conhecida, também, pelas suas muito concorridas festas e Procissão a Nossa Senhora da Graça.

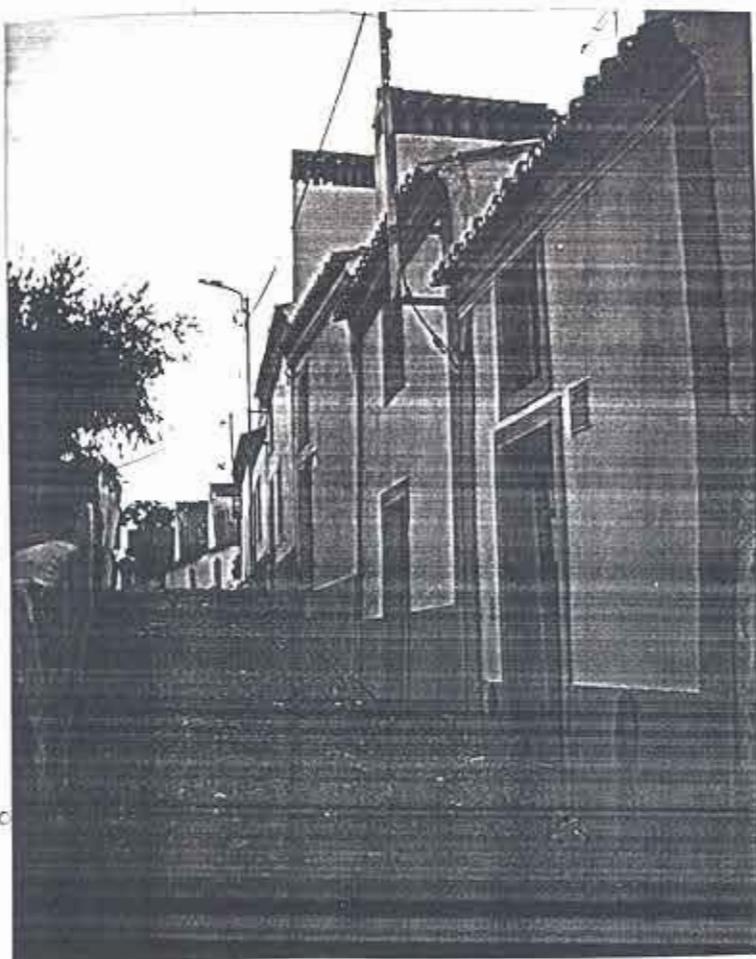


PONTE ROMANA

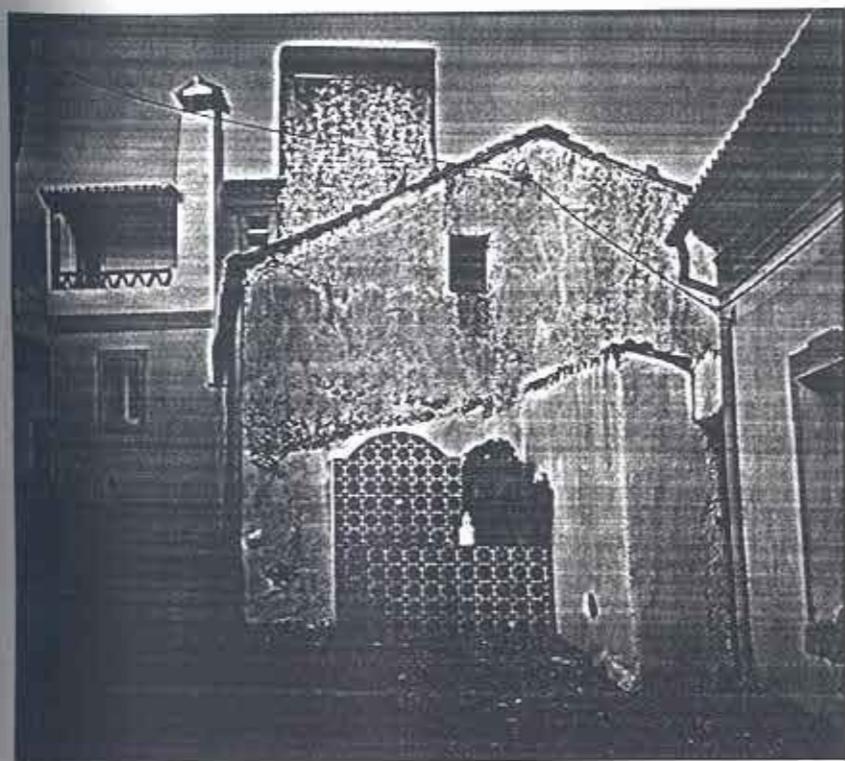
No fim deste itinerário de fim-de-semana por nós proposto, se se sentir motivado a voltar, a fim de conhecer melhor a região e se pretender prolongar a sua estadia, sugerimos o Aldeamento Turístico de Chão da Velha.

Este Aldeamento foi a primeira iniciativa do Projecto Mil Aldeias, o qual está integrado no Turismo de Extensão Rural (TER).

Chão da Velha, a 8 km de Nisa, é uma povoação da freguesia de S. Matias e da paróquia do Cacheiro, pertence ao Concelho e Comarca de Nisa.



CHÃO DA VELHA



CHÃO DA VELHA

Este lugar teria sido em tempos habitado por uma velha, dizendo-se "vou ao Chão da Velha...", designação esta que deu origem ao nome. Na região de Nisa, costumam chamar "chãos", ou mais vulgarmente "chões" a pequenos olivais murados.

BOAS FÉRIAS!

BIBLIOGRAFIA

- "A DESCOBERTA DE PORTUGAL" - Selecções do Reader's Digest, Porto, 1982.
- "AS MAIS BELAS VILAS E ALDEIAS DE PORTUGAL" - Editorial Verbo, Lisboa, 1991.
- COSTA, Alexandre de Carvalho - "Nisa e suas Freguesias Rurais", Edição da Câmara Municipal de Nisa, Portalegre, 1986.
- COSTA, Alexandre de Carvalho - "Gavião suas Freguesias Rurais e alguns lugares", Edição da Câmara Municipal do Gavião, Portalegre, 1982.
- CHAMBEL, José Fazendas Louro - "Esboço Monográfico de Arez (Relatório de Estágio pelo médico veterinário)", Lisboa, 1972.
- COSTA, Alexandre de Carvalho - "Gentílicos e Apodos", Edição da Câmara Municipal de Nisa, Portalegre, 1986.
- "ENCICLOPÉDIA GEOGRÁFICA" - Selecções do Reader's Digest, Lisboa, 1989.
- FIGUEIREDO, José Francisco - "Monografia da Notável Vila de Nisa"
- "GUIA TURÍSTICO DE PORTUGAL DE A a Z" - Círculo dos Leitores, Lisboa, 1990.
- "OS MAIS BELOS CASTELOS DE PORTUGAL" - Editorial Verbo, Lisboa, 1990.
- SOUSA, Tude Martins de, e RASQUILHO, Francisco Vieira - "Amieira - Do Antigo Priorado do Crato", 1936.
- "TESOUROS ARTÍSTICOS DE PORTUGAL" - Selecções do Reader's Digest, Porto, 1988.

Material de Apoio fornecido pelas Câmaras de Nisa e Gavião, Biblioteca Municipal de Nisa, Posto de Turismo e Centro de Artesanato de Nisa: Panfletos, mapas, documentos municipais, entre outras informações.